



Afterwords

Índice

Editorial-----	3
Livro do Mês-----	4
Críticas a livros-----	5
A Chave de Pedra, parte II-----	9
Micro-narrativas -----	12
Contos:	
O Último Natal-----	13
O Renascimento do Pai Natal -----	17
Eterno Retorno-----	22
Cansaço/Outra vez-----	32
Entrevista com... -----	36
Canto da Poesia -----	40
Excertos da nossa vida -----	42
Espaço online-----	43
Doze Passas para a Meia-noite-----	44
Espaço Fotografia-----	45
Do livro para... Cinema -----	48
Agenda Literária -----	49
Comentário Final-----	50

Editorial



Já cheira a Natal...

O frio instala-se e sempre que a vida nos permite não sabe bem sentarmo-nos em frente à lareira de caneta e caderno na mão? Ou quem sabe a reler as antigas Alterwords.

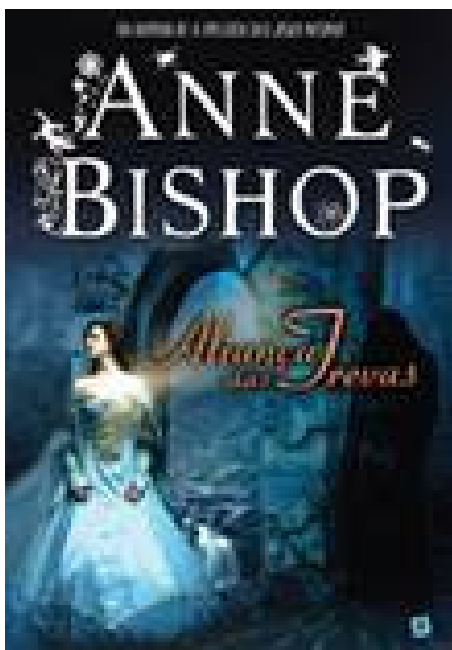
Agora que estamos no último mês de 2009 e quase, quase a fazer um ano de existência, é bom reler textos com os quais tivemos o prazer de contar. É bom saber que escritores de grande qualidade aderiram e perceberam o propósito da Alterwords. A todos eles, o nosso agradecimento.

Que nas botas vermelhas penduradas no pinheiro de natal venham doses de inspiração e ideias para o próximo ano, ano importante para a Alterwords. Depois de um ano a "nascer" e a "abrir caminho", tem como desafio afirmar-se. Ser referência. Como? Com a ajuda de todos que estão connosco desde o início e todos aqueles que entrarem nesta grande, árdua mas tão saborosa jornada.

Bruno Pereira

Livro do Mês

ALIANÇA DAS TREVAS



Título: Aliança das Trevas
Autor: Anne Bishop
Editora: Saída de Emergência
Preço: 18,85€

Theran Grayhaven é o último descendente de Jared e Lia. Dois anos depois da onda de poder que destruiu os Sangue corruptos, Dena Nehele precisa de uma rainha e, para isso, Theran pede um favor a Daemon Sadi. O que ele não sabe é que, quando Sadi interfere, toda a família SaDiablo fica interessado no assunto. E Theran vai ter muito de que prestar contas quando Sadi e Jaenelle apresentam Cassidy como rainha para a Corte de Dena Nehele.

Este é, provavelmente, um dos livros melhor concebidos da minha autora preferida. O mundo das Jóias Negras é todo um universo de escuridão e

sensualidade, mas também de nobreza, amor, fidelidade e, acima de tudo, amizade (familiar e não só). Com a escrita acessível, mas requintada e sensual a que Anne Bishop já nos habituou, a autora apresenta-nos uma das suas melhores histórias, quase ao nível da trilogia das Jóias Negras. Neste livro, os momentos comoventes, a forma como a história se desenvolve, profundamente emocional, mas ao mesmo tempo sensual, complexa e envolvente e as personagens que tão bem conhecemos reveladas nos seus mais profundos segredos fazem deste livro uma obra imperdível.

Pontos altos desta obra (como de quase todos os livros da autora) continuam a ser a relação de Saetan SaDiablo com os seus dois filhos. Neste livro, ficamos a saber muito mais sobre eles, principalmente sobre Daemon e Saetan, e existem ao longo do livro vários momentos capazes de levar às lágrimas o leitor mais sensível. É, pois, um livro que cria ligações com os seus leitores e, para quem segue a obra da autora desde o início, é um belo regresso ao universo que tão bem conhecemos.

É sempre um prazer ler uma nova obra de Anne Bishop. E se os livros menos bem conseguidos da autora não deixam de ser muito bons, então este é, para mim, uma das suas melhores criações. Aliança das Trevas tornou-se, sem dúvida, um dos meus livros preferidos, e não posso deixar de recomendar. Muito, muito bom.

Carla Ribeiro

Críticas a Livros

A Guerra é para os Velhos



Ficha técnica:

Título: A Guerra é para os Velhos

Autor: John Scalzi

Editora: Gailivro

PVP: 17,90€

No dia em que completou setenta e cinco anos, John Perry fez duas coisas. Primeiro, visitou pela última vez o túmulo da mulher. Depois, alistou-se no exército. Não se trata, contudo, de um exército comum mas das Forças de Defesa Colonial que, numa guerra interplanetária, protegem os colonos dos ataques de raças alienígenas. E o que parece ser a promessa de uma nova juventude é, na verdade, uma longa batalha a travar.

Não estava a espera de gostar tanto deste livro, principalmente porque não sou particularmente apreciadora de ficção científica. Apesar disso, este foi um livro que me agarrou desde a primeira página. Cativante, com uma escrita elaborada mas acessível e sem perder, apesar de todos os elementos introduzidos, a sua ligação à componente humana.

A Guerra é para os Velhos apresenta todos os elementos que associamos naturalmente à ficção científica: naves espaciais, alienígenas, tecnologia avançada... E, ainda que inicialmente as partes mais explicativas (nomeadamente no que diz respeito à física), possam parecer um pouco confusas, este aspecto não dificulta a compreensão da história. A linguagem é, na verdade, muito clara e, à medida que acompanhamos o percurso de John Perry, e as ligações que estabelece, é-nos, afinal, muito fácil seguir a sua linha de pensamento, acompanhar as suas emoções e sentir, por momentos, o que seria estar numa situação semelhante, ao mesmo tempo que assimilamos, com facilidade, o mundo invulgar e surpreendente que esta história nos apresenta. E não esquecer os esporádicos momentos de humor dispersos pela história, excelentes, divertidos e uma boa forma de libertar a tensão que, inconscientemente, o enredo vai criando sobre o leitor.

Ainda uma nota muito positiva para a tradução de Luís Filipe Silva. Não tendo consultado o original (pelo que não conheço quais seriam as palavras que deram origem à tradução), há algumas opções de palavras que eu achei simplesmente deliciosas (nomeadamente os monhés e o Estupor) e que transmitem em pleno para a nossa língua a aura divertida dos momentos em que se encontram.

Concluindo: vale bem a pena ler este livro, mesmo para quem, como eu, não é particularmente apreciador do género. Quem sabe não muda opiniões? Depois deste livro, eu fiquei com vontade de explorar melhor o que a ficção científica tem para oferecer.

Carla Ribeiro

O Tempo do Anjo



Toby O'Dare é um assassino contratado. Tudo o que sabe sobre aqueles para quem trabalha é o que a sua imaginação quis aceitar: que estão do lado dos bons. Quando, contudo, no final de uma missão, a sua mente ameaça explodir e tende perigosamente para o suicídio, Toby é visitado por um serafim. Malquias, o anjo, precisa dos conhecimentos e da inteligência do assassino para cumprir o trabalho de Deus, trabalho esse que passa por um recuo no tempo e por um salvamento arriscado. Será Toby capaz de cumprir o que lhe é pedido e alcançar a sua redenção?

Anne Rice é, para mim, um nome incontornável. E neste livro, ainda que siga um rumo bem diferente das suas sobejamente conhecidas Crónicas Vampíricas, a beleza da sua escrita está bem presente. O rumo que a história toma, contudo, é bastante diferente do habitual. Em O

Tempo do Anjo, a história oscila entre momentos de acção extremamente envolventes, alguns instantes mais emocionais e alguma dissertação sobre os aspectos religiosos envolvidos na história. Será talvez este último elemento a afastar alguns leitores, devido ao tom espiritual que a história adquire nalguns momentos.

Não pretendo com isto dizer que o livro seja mau. Muito pelo contrário. Conotações religiosas à parte, temos uma personagem complexa, ainda que não chegue ao nível dos mais famosos Lestat e Louis, uma história profunda e um passado atormentado, tudo elementos capazes de levar o leitor a ligar-se à história que tem em mãos. Além disso, a forma como o enredo é descrito chama o leitor, principalmente a partir do momento em que a história recua até à época medieval, altura em que a forma como a autora transmite a tensão dos momentos torna a leitura simplesmente irresistível.

Aspectos menos bons... A já referida espiritualidade que poderá parecer excessiva ao leitor meno interessado no tema, e a forma quase distante como nos é contado, pela voz de Malquias, o passado do protagonista. Toby teve um período de crescimento terrível, mas, através da voz do serafim, a impressão que é deixada é que há uma estranha distância do aspecto emocional desse passado.

Concluindo: não tendo a complexa profundidade das Crónicas Vampíricas, este é, ainda assim, um livro que vale a pena ler. A escrita de Rice continua cativante e bela e, ainda que alguns aspectos tenham ficado pouco explorados, o resultado final é claramente positivo. Por aqui, fico à espera de ler mais destes Cânticos do Serafim.

Carla Ribeiro

Ficha Técnica :

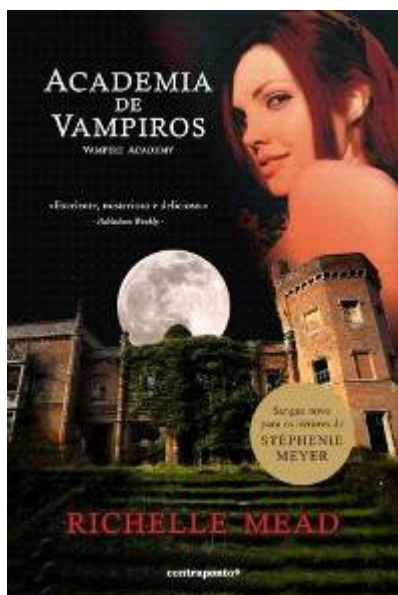
Título : O Tempo do Anjo

Autor : Anne Rice

Editora: Publicações Europa-América

Preço: 21,50€

Academia de Vampiros



Vasilisa Dragomir é uma princesa Moroi, destinada a ser, um dia, rainha entre o seu povo. Os Moroi são vampiros mortais, fortemente ligados à magia elementar, e têm como principal inimigo os Strigoi, vampiros imortais e maléficos. Após uma fuga de dois anos, Lissa e a sua guardiã, Rose Hathaway são descobertas e forçadas a regressar à Academia. Mas nem tudo é o que parece e existem poderes ocultos à espreita.

Peguei neste livro sem grandes expectativas. Numa altura em que os vampiros parecem estar na moda e o conceito começa, por vezes, a revelar-se um pouco cansativo, esperava, apesar de ser apreciadora do mito vampírico, que este livro fosse apenas mais um. Não foi, contudo, isso que aconteceu. Richelle Mead apresenta-nos um sistema hierárquico bastante curioso e a ideia de uma escola para a nobreza vampírica

(apesar de fazer lembrar, por vezes, o sistema de Harry Potter), não se torna limitante.

Num estilo simples e desprezioso, mas ainda assim bastante complexo na criação da sua história, a autora apresenta-nos personagens interessantes, um enredo envolvente e uma série de revelações interessantes. Além disso, a associação da magia elementar ao vampirismo proporciona um resultado bastante diferente do habitual, e que não deixa de ser um grande ponto a favor.

Trata-se de um livro dirigido a uma faixa etária jovem, daí que certos elementos nos possam parecer desnecessários (nomeadamente o fascínio por compras e outros aspectos comuns da vida adolescente). Mas tendo em conta a idade das protagonistas e o público alvo deste livro, essas referências são, na verdade, bastante justificadas.

Conclusão: não sendo uma obra prima em termos literários, trata-se de uma obra de leitura compulsiva, coerente na sua história e capaz de envolver o leitor nos seus mistérios. Superou em muito as minhas expectativas.

Carla Ribeiro

Ficha Técnica:

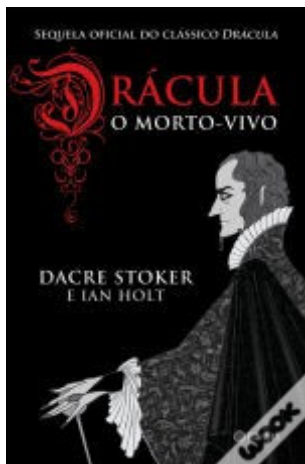
Título: Academia de Vampiros

Autor: Richelle Mead

Editora: Contraponto

P.V.P: 16,50€

Drácula, o Morto-Vivo



Vinte e cinco anos passados desde o final da história de Bram Stoker, voltamos a encontrar os heróis da sua obra. Jonathan e Mina Harker, perdidos num casamento amargurado. O seu filho, Quincey, dividido entre os seus sonhos e a vontade do pai. Arthur Holmwood, escondido na sombra das suas memórias. Jack Seward, quase louco, perdido no delírio da morfina. E Abraham Van Helsing,, reduzido a um velho com medo da morte. E é nestas circunstâncias que o passado volta às suas vidas, quando estranhos acontecimentos começam a surgir, levando a pensar na presença do vampiro que, muitos anos antes, mudou as suas vidas.

Interessante a forma como esta sequela foi escrita. Desde o início, é quase palpável a aura do Drácula original, mas, por outro lado, as diferenças são múltiplas. Este é um livro em que a acção é uma constante, sem grandes momentos parados, e onde os eventos se sucedem a um ritmo viciante. Por outro lado, este ritmo não prejudica nem a criação dos ambientes nem a caracterização das personagens, criando, muitas vezes, um laço emocional entre as personagens e o leitor.

O que me leva ao aspecto que mais me fascinou neste livro. Contrariamente ao que acontece na obra de Bram Stoker, o príncipe Drácula que nos é apresentado não surge como o vilão cruel e sanguinário, mas como uma espécie de anti-herói, culpado, de facto, de muitos crimes, mas não isento de consciência. Além disso, a presença de outras personagens históricas, como a condessa Érzebet Bathory ou o próprio Bram Stoker, bem como a ligação dos eventos aos crimes de Jack, o Estripador, dão ao enredo uma nova envolvência, bem como uma aura de mistério policial que não deixa de se enquadrar no espírito da obra.

Por último, de realçar as notas finais dos autores que, para além de nos mostrarem o trabalho e o cuidado colocados na criação deste livro, mostram também a vontade por detrás da obra: o desejo de recriar e de devolver ao Drácula de Bram Stoker o merecido lugar na história.

Este é, pois, um livro que não posso deixar de recomendar. Com uma escrita soberba e um enredo magnífico, fará as delícias de todos os apreciadores de vampiros, e em particular dos que preferem o vampiro clássico. Uma obra inesquecível e, provavelmente, um dos melhores livros que li este ano. Magistral.

Carla Ribeiro

Ficha Técnica:

Título: Drácula, o Morto-Vivo

Autor: Dacre Stoker e Ian Holt

Editora: Planeta

P.V.P: 22€

A Chave de Pedra – Parte III

por *Carla Ribeiro*

Selwyn despertou antes do amanhecer, perturbado pela súbita memória do destino a que fora condenado. Sabia que, em breve, caminharia ao encontro da morte e que levava consigo demasiados homens inocentes, gente que nada havia feito para despoletar a sombra de um tal destino. E, ainda que a fatídica ordem tivesse partido de Sarynna, Selwyn sabia que era sua a culpa das suas mortes, sua e da sua estúpida ingenuidade.

Com um gesto negativo, tentou afastar de si os pensamentos desnecessários. Meditar acerca de um destino que não podia mudar só serviria para o atormentar ainda mais e precisava de manter a serenidade, pelo menos até que o império ficasse para trás de si. Decidiu, pois, concentrar-se exclusivamente na sua preparação para a partida, procurando nos gestos simples uma distração que afastasse os seus demónios interiores.

Mergulhado no seu silêncio pesaroso, ergueu-se do leito e vestiu-se. Depois pegou no pesado manto que, na noite anterior, a imperatriz lhe enviara e fitou-o longamente. Negro como a noite, o tecido parecia ser, ele próprio, uma alusão à sua morte iminente. Odiava-o por isso, mas, ainda assim, Selwyn sabia que teria de o usar naquele dia, caso contrário, estaria a insultar directamente a mulher que era ainda a sua soberana.

Os seus dedos acariciaram o tecido, distraidamente, até que tactearam um volume estranho num dos pequenos bolsos. Intrigado, Selwyn procurou o objecto, para descobrir, surpreendido, a minúscula chave de pedra. Por momentos, fitou o pequeno objecto, perguntando-se o que seria e porque estava ali, mas sabia que as respostas não surgiriam do nada para o esclarecer. Aceitou, pois, o que lhe parecia ser a única explicação lógica – que se tratava de um talismã enviado por Sarynna – e voltou a colocá-lo onde o encontrara.

Olhou para o exterior. A manhã começava a estender os seus braços ao mundo.

- É tempo. – murmurou. Depois deixou para trás, pela última vez, aquele que fora o seu único refúgio.

*

Era patética a força que Sarynna enviava para neutralizar uma ameaça que, segundo se dizia, ceifara já as vidas de inúmeros dos seus soldados. Dez homens... Apenas dez haviam recebido a ordem de acompanhar Selwyn na sua missão. Como podia a imperatriz esperar uma vitória? Aquilo não era um contra-ataque, era uma execução!

- Melhor assim... - pensou Selwyn, para si próprio, enquanto observava os seus soldados. Era tão óbvio o medo que sentiam que o lorde não pôde deixar de se sentir culpado da sua queda, da morte a que sabiam estar condenados por sua culpa.

Foi então que a imperatriz se aproximou, arrancando-o às suas reflexões. Como podia aquela mulher tão bela e serena enviar, por simples crueldade, os seus homens para um

massacre sem sequer mostrar na sua expressão algum pesar? Como podia condenar inocentes em nome de um crime menor?

- Majestade. – saudou o lorde, esboçando uma profunda vénia de forma a evitar o olhar da imperatriz.

- Lorde Selwyn. – respondeu ela, sorrindo ao vê-lo com o manto que ela enviara – Vim para vos dar alento para a vossa missão. Tendes toda a minha confiança e sei que não voltareis com notícias de um fracasso.

Selwyn assentiu, o seu semblante duro e impassível apesar da intensa revolta que ardia no seu coração.

- Claro que sabeis. – pensou – Não voltarei com más notícias porque em breve estarei morto.

Depois, afastando pensamentos que ameaçavam tornar-se subversivos, declarou, em voz alta:

- Vivo para vos servir, majestade. Não voltarei senão com notícias de uma vitória.

Sarynna assentiu.

- Ide, então, – disse – e levai a minha bênção. Estarei à vossa espera.

Selwyn sorriu, enquanto se despedia com uma vénia profunda. Havia, contudo, nos seus pensamentos, uma voz que não se cansava de repetir a resposta que ele não se atrevera a pronunciar.

- À espera do meu cadáver, talvez...

*

- Lorde Selwyn. – chamou, subitamente, o soldado que avançava a seu lado.

Estavam já perto do seu destino e sabiam que, em breve, o inimigo notaria a sua presença. Não era, pois, uma surpresa para Selwyn que o soldado o interpelasse em busca de um plano para desempenhar a missão que todos sabiam ser o seu fim.

- Deixa as formalidades, soldado. – respondeu – Aparências à parte, eu já não sou um lorde.

O soldado assentiu. Depois, vencendo a relutância, acabou por dar voz à pergunta que o atormentava.

- Não temos qualquer hipótese, não é verdade?

Selwyn suspirou. Sabia que todos o escutavam, mas não podia ocultar a verdade. Devia-o aos homens que estavam prestes a morrer por ele.

- Sim. – assentiu – A verdade é que estamos condenados e que, tal como dizem os rumores, a culpa é minha. Aconteceu que, inconscientemente, insultei a imperatriz e esta é a sua vingança. A sua forma de me executar sem quebrar as aparências.

Um silêncio pesado sucedeu às suas palavras.

- Lamento – prosseguiu Selwyn – que também vós tenhais sido condenados pelas minhas culpas. Não me atreverei a pedir-vos a absolvição por isso. Assim o queria Sarynna e devo morrer com a vossa condenação na consciência. Se conhecerdes, contudo, alguma forma de salvar as vossas vidas, então parti e fezei o que puderdes. Não vos impedirei.

Por um momento, apenas o silêncio ocupou o lugar que as palavras de Selwyn haviam deixado livre. Depois, contudo, o mesmo soldado que se atrevera a formular a dolorosa pergunta avançou um passo e declarou:

- Não respondo senão por mim, mas eu ficarei do vosso lado. Temos ordens para vos servir nesta missão e, por mais suicida que seja, pretendo cumpri-las e lutar a vosso lado.

- Eu também. – anunciou outro.

- E eu.

Um a um, todos os soldados professaram a sua intenção de continuar. Eram fiéis, ainda que ante o rosto da morte, e nenhum deles tinha dúvidas, face às palavras do seu líder, que era preferível segui-lo para a morte que sustentar toda uma vida sob os caprichos de Sarynna. Haviam sido enviados para um final inevitável, mas, ali, perante o homem que os conduzira, haviam ganho o direito de escolher o seu futuro e a sua opção fora a lealdade. E essas eram todas as provas de que Selwyn precisava para enfrentar com coragem o seu destino.

- Muito bem, meus senhores. – disse, emocionado – Enfrentemos então o nosso destino.

... continua...

Micro-Narrativas

Bestas Blindadas

E as feras blindadas cavalgam pelos escuros carregadas de moles e adormecidos homens nas suas barrigas. Rugem enquanto avançam para que as bestas menores se desviem e as deixem passar de rosto alto como em desfile.

O tempo é negro e já falta pouco para que a minha besta me apanhe.

Do meu tosco banco observo as bestas restantes em fila para se alimentar. Não tenho pena nem interesse nos outros, isto porque não sou eles. Conseguem ser tão patéticos aqueles. Chegou a besta, mas ainda não é tempo. Esse uso-o para escrever este relato, sobre estas bestas e as suas presas.

Acaba de chegar mais um para o abate. Chove. O tempo está de luto por nós que embarcamos. E agora sim, embarcamos. Agora dentro do estômago da besta há apenas silêncio, só quebrado pelos rugidos da cavalgada

Enquanto aqui escrevo o fim aproxima-se. Chegou. Saímos então, silenciosos, para a chuva da paragem de autocarro.

Tiago Faria

Contos

O Último Natal

Sozinha na imensa casa, agora vazia e despida de todo o seu esplendor, Christine fitava desoladamente as chamas que se moviam diante de si. No exterior, a neve caía e, ali, reduzida à miséria dos seus precocemente envelhecidos trinta e sete anos, sabia que, quando aquele pequeno fogo se apagasse, também a sua vida estaria em vias de se extinguir.

Haviam passado meses desde que regressara à sua casa há muito abandonada e a apatia a que fora reduzida era de tal modo imensa que nem notara a acção dos anos sobre o que, em tempos, fora uma esplendorosa mansão, mas que não passava já de um edifício decrepito, invadido pelo pó e pela vegetação, consumido pelos mesmos anos que haviam consumido a sua senhora.

Fora aquele o seu lar no auge da sua glória e seria também o seu abrigo na ruína, o seu leito de morte. O pouco que lhe restava fora consumido em alimentos e lenha e, agora, já nada tinha que lhe permitisse continuar a lutar. Estava fraca, entorpecida e doente devido aos anos de reclusão. Estava a morrer.

Não conseguia deixar de se sentir surpresa, mesmo agora, face à crueldade da vida. Era, afinal, assim que terminava a vida da gloriosa Christine Sommers, a cantora da voz celestial: na mais absoluta miséria, temida por muitos, abandonada por todos, reduzida à ruína na flor da vida.

Onde estavam agora as vozes que a haviam buscado como companheira e que, depois, a haviam condenado? Também elas haviam partido, afastadas pela imensidão do seu tormento. Não ouvia já ninguém na sua mente. Apenas os seus próprios pensamentos, tristes e dolorosos como aquela fria noite de Natal, lhe falavam ainda de tudo aquilo que perdera, da sua vida prestes a terminar. E, nesses momentos, vinha-lhe ainda à mente a memória de uma pequena melodia, tão simples, mas, em tempos, tão especial, e o silêncio rasgava sob o murmúrio da sua voz enfraquecida, da sua débil canção, enquanto a sua mente partia, pela última vez, em direcção ao passado.

*Hark how the bells,
Sweet silver bells,
All seem to say
Throw cares away...*

Tinha então pouco mais de catorze anos, mas a sua voz era já conhecida por todos os habitantes da pequena vila. Única filha do homem mais poderoso da região, tivera sempre à sua disposição os melhores professores e todas as oportunidades para brilhar. Não era, pois, surpreendente que o seu vasto talento natural tivesse sido elevado até ao expoente da perfeição.

Naquele domingo quente e soalheiro, Christine passeava distraidamente pelo bosque que rodeava a casa, cantando suavemente, enquanto os seus passos pisavam as folhas caídas, como um harmonioso acompanhamento ao som da sua voz. Sentia-se feliz, pois

nada lhe faltava e sabia que poucos dias passariam até que o maior sonho da sua vida se tornasse realidade.

O seu pai prometera-lhe que, no final da semana, a levaria ao Conservatório da cidade, de cujo dono era um amigo de longa data. Certamente que conseguiriam encontrar um lugar para ela e, aí, a sua voz poderia, finalmente, alcançar toda a glória que merecia.

Foi nesse instante, contudo, que uma outra voz interrompeu os seus pensamentos, uma voz infantil e lacrimosa que, suavemente, lhe pedia:

- Vem brincar!

Christine olhou em volta, procurando a origem da voz, mas não encontrou ninguém. Estava tão sozinha no bosque como sempre estivera.

“Deve ser impressão minha.”, pensou, mas, como se em resposta ao seu pensamento, a voz repetiu, ecoando nitidamente na sua mente:

- Vem brincar, Christine!

Mais uma vez, a jovem olhou em volta, apenas para, mais uma vez, se encontrar sozinha.

- Onde estás? – perguntou.

- Aqui! – respondeu a voz – Dentro de ti...

Christine soltou um grito. Não podia ser! Não era possível que estivesse realmente a ouvir vozes! Dominada por uma confusa incredulidade, correu para casa, para encontrar a mãe à sua espera, observando-a com uma expressão preocupada.

Só então compreendeu qual deveria ser o seu aspecto, depois de ter sido conduzida a casa pelo seu próprio medo e, ainda demasiado assustada para pensar na interpretação que poderia ser dada às suas palavras, balbuciou:

- Eu ouvi... No bosque. Ouvi uma voz, mas... Mas não estava lá ninguém.

Um laivo de preocupação transpareceu no olhar da senhora Madeleine Sommers, mas foi imediatamente substituído por uma expressão de condescendente ternura, enquanto dizia:

- Então, então... Tenho a certeza de que foi apenas impressão tua. Estavas tão compenetrada nos teus pensamentos que te deixaste levar pela imaginação.

Quando abraçou a filha, contudo, havia lágrimas no seu rosto e a tristeza que a invadira nunca mais abandonaria o olhar de Madeleine, como o fantasma de um acontecimento ainda por vir.

Eles não sabiam que ela estava ali, escondida atrás da porta, a escutar toda a conversa. Julgavam, claro, que Christine fora para a cama assim que lho haviam ordenado, como filha obediente que sempre fora, mas, naquela noite, Christine sabia que seria ela o assunto da conversa dos seus pais e, por isso, precisava de ouvir.

- James, - dizia a mãe – tens que entender a minha preocupação. A nossa filha diz que ouviu uma voz no bosque, e... Depois da loucura que possuiu a minha mãe, tenho medo que...

- A Christine está ótima, tenho a certeza. – interrompeu o pai – Sabes que ela está a atravessar uma idade difícil. Provavelmente, leu em algum livro sobre a cidade a história do incêndio que consumiu esta zona há cem anos e isso fez com que a imaginação dela começasse a trabalhar.

- Talvez. – concordou Madeleine – Mas, mesmo assim...

- Vamos prestar atenção. – concluiu James – Se algo do género voltar a acontecer, tomaremos atitudes mais sérias.

Chegara a acreditar que aquele fora um acidente isolado, uma armadilha da sua mente, pois, nos quatro anos que haviam correspondido à sua fulgurante ascensão como cantora, nenhuma outra voz ecoara nos seus pensamentos nem fora atormentada por qualquer espécie de fenómeno sobrenatural.

Aquele dia, contudo, o dia do seu décimo oitavo aniversário, estava, de todas as formas, destinado a ser um momento inesquecível. Era o dia do grande concerto de Natal na cidade e Christine seria a voz principal naquele momento de música e de magia.

Toda a sua vida esperara por um momento como aquele, e, agora, chegara, finalmente, a hora em que a sua voz tocara as almas do mundo. Aquele era o seu dia e nem mesmo o nervosismo que sentia poderia afastá-la da glória que antecipava, que merecia, que era sua por direito.

Subiu ao palco, bela e esplendorosa no seu vestido de veludo branco, sobre o qual o seu cabelo escuro parecia brilhar, enquanto o coro cantava aquela canção que tão especial era para si. Com um sorriso nos lábios, juntou a sua voz às deles, cantando, inebriada pela felicidade:

*Hark how the bells,
Sweet silver bells...*

Era mágico o poder daquele momento, quase como se a sua voz se pudesse elevar aos céus, para que mesmo os anjos a pudessem escutar. E, à medida que as canções se sucediam, puras e belas na sua mensagem natalícia, o espírito de Christine parecia aproximar-se, passo a passo, do êxtase.

E eis que chegava o culminar daquele momento, o clímax da sua glória. Quase inconscientemente, a sua voz ergueu-se no seu máximo esplendor, enquanto, reflectindo a mesma emoção que se movia dentro de si, dava voz às palavras de “Oh, Holy Night”.

Foi nesse mesmo momento, contudo, que a catástrofe aconteceu, quando o olhar de Christine se tornou cego e, dentro da sua mente, os gritos de horror do que deveria ser uma multidão pareceram ganhar vida. E foi perante este choque interior que o seu corpo cedeu e o canto deu lugar aos gritos, enquanto, atormentada por um pavor incontável, Christine se lançava, numa fúria violenta, em busca de uma saída que a afastasse do horror.

A sala de espectáculos, contudo, estava demasiado cheia para que Christine pudesse limitar-se a fugir e as mãos do público, perturbado e preocupado com tão violento acesso de loucura, imobilizaram a cantora, que, sem deixar de se debater, foi conduzida a uma sala nas traseiras do edifício, onde estaria segura até que uma solução mais permanente pudesse ser encontrada.

Entretanto, por entre a multidão, James Sommers tentava transmitir algum conforto à sua esposa, perante aquilo que se tornara agora um facto incontestável. Christine enlouquecera, e era a sua obrigação protegê-la de si própria.

Anos de tormento e de desespero haviam sido quanto restara da sua vida, a nada reduzida ao longo de todo o tempo que passara internada naquele asilo de loucos.

No início, Christine insistira que as vozes existiam e que, por vezes, ainda as escutava, mas cada vez que pronunciava tais palavras, a resposta dos seus carcereiros era a humilhação e a violência, com o objectivo de a fazer ver a verdade, ou, pelo menos, de silenciar os seus delírios.

Tentara inclusive explicar aos pais aquilo que ouvia, na esperança de que eles acreditassem nela e a libertassem, mas, movidos pela preocupação, o que eles fizeram

foi repetir ao director do asilo aquilo que ela lhes dissera e, a partir desse dia, as visitas haviam cessado abruptamente.

Procurara, então, nos seus companheiros de infortúnio, a compreensão que o mundo lhe negara, mas aqueles que não estavam demasiado consumidos pela loucura para a entender julgavam a sua capacidade de comunicar com os mensageiros do outro mundo digna de temor e, por isso, afastavam-se dela o mais possível.

Até mesmo as vozes tinham acabado por desaparecer, afastadas pela violência dos testes e tratamentos a que Christine fora submetida. Naquele momento, já não havia ninguém que a visse como ela fora. Estava sozinha, perdida e condenada... E os anos passariam, uns após os outros, mas nunca, nem mesmo quando, após a morte dos seus pais, o asilo a declarara curada para não ter que suportar por mais tempo o seu sustento, viria a alcançar a libertação.

E agora estava ali, anos e anos passados desde o início do seu tormento, e, face à iminência da morte, não sentia senão uma infinita tristeza, pelas vozes que, dentro de si, se haviam silenciado e das quais não conhecera sequer a origem.

Foi, contudo, nesse mesmo instante, enquanto recordava a forma como tudo começara, que a mesma voz de criança ecoou na sua mente, cantando as mesmas palavras que, na sua voz entorpecida, ela murmurava.

*Hark how the bells,
Sweet silver bells,
All seem to say
Throw cares away...*

- Olá, Christine. – disse a voz de criança, quando a canção terminou.

- Quem és tu? – perguntou a mulher, mergulhada numa serenidade que jamais conhecera, a certeza de que, apesar da dor e do medo que haviam consumido toda a sua vida, as vozes eram reais.

- Sou uma voz no teu pensamento, - respondeu a voz – como todas as que ouviste ao longo dos anos. Um espírito do passado, que a tua alma sensível quis ouvir e acolher.

- Então, porque partiste?

- Para te poupar ao sofrimento. Naquele tempo, mais que a memória dos mortos do passado, eu era apenas o teu futuro. Hoje, sou a tua liberdade.

Christine sorriu em reconhecimento.

- A morte... - murmurou.

- Sim. – confirmou a voz – A morte.

Depois, uma brusca rajada de vento abriu, com violência, as portas da antiga casa, para se deter subitamente, deixando para trás apenas um corpo inerte, de olhos fechados, finalmente vazio de vida, mas eternamente ligado às teias da memória.

Carla Ribeiro

O Renascimento do Pai Natal

- Vamos ter de fazer alguma coisa! Se nada fizermos, é o fim do Pai Natal!

Quem falava era Stunis, um duende rechonchudo, de barba e cabelo grisalhos e um fato de lã, verde seco.

Stunis e mais alguns duendes estavam reunidos numa grande casa, no Pólo Norte. Estávamos em Dezembro e, lá fora, nevava. Toda a região, na qual não se via nem mais uma casa, estava coberta por um manto branco. Os duendes encontravam-se numa sala espaçosa e aquecida por uma lareira, mas que, ao contrário do que era costume, não mostrava sinais de trabalho árduo. A sala estava vazia. Se não fosse o lume que crepitava alegremente e o grupo de duendes sentados junto da grande janela, dir-se-ia que estava abandonada. Por aquela altura do ano, a sala deveria estar repleta de brinquedos e papéis de embrulho coloridos. Estávamos muito perto do Natal, pelo que o Pai Natal e os seus ajudantes, os duendes, deveriam estar agora extremamente ocupados. No entanto, de há uns Natais para aquele, as coisas tinham vindo a mudar e, naquele ano, o Pai Natal sentia-se tão triste e desacreditado que nem tinha forças para fazer fosse o que fosse.

- Mas o que é que podemos fazer para salvarmos o Pai Natal? – perguntou Filtur, um outro duende.

- A magia dele está a desaparecer... Cada dia está mais fraca! – disse Mirfir, um duende de bochechas rosadas e barbas particularmente compridas.

- Isso está a acontecer, porque as crianças de todo o mundo cada vez acreditam menos nele. Vocês sabem disso! – Stunis apresentava um ar preocupado.

- Sim, é certo. Mas o que podemos fazer contra isso? As crianças agora só acreditam no que vêem e, como todos sabemos, a magia do Pai Natal consiste em acreditar-se nele sem que tenhamos de vê-lo – disse Mirfir.

- O mais verdadeiro, por vezes, nem é aquilo que vemos com os olhos do corpo. – acrescentou Claifil.

- Tens razão. Mas o que podemos fazer para que as crianças percebam isso? – perguntou Mirfir.

- Sim, vai ser difícil... – disseram Nolir e Glor, ao mesmo tempo.

- Não sei como vamos solucionar esta situação, mas alguma coisa tem de ser feita! Urgentemente! – disse Stunis, com ar decidido. – Venham! Venham comigo, vamos ver como está o Pai Natal!

Avançaram por um comprido corredor, em direcção a um quarto, cuja porta estava entreaberta.

- Podemos entrar, Pai Natal? – perguntou Stunis.

Lá de dentro, veio uma voz enfraquecida:

- Entrem!

Os duendes obedeceram e entraram suavemente. Junto à janela, deitado numa cama e com os cobertores de tal forma puxados para cima, que quase o cobriam completamente, o Pai Natal disse apenas:

- O que me querem? Já vos disse que não vale a pena prepararem presentes, este ano. As crianças já não acreditam em mim.

Enquanto falava, observava a neve a cair lá fora, com um olhar triste. Stunis avançou e tentou animá-lo:

- Não é bem assim. Vai ver que...

O Pai Natal interrompeu-o, com uma expressão no rosto que provocou um arrepio a cada um dos duendes:

- Por esse mundo fora, nas ruas e nos centros comerciais, as crianças passam a vida a ver homens que se disfarçam de Pai Natal. Já ninguém acredita que exista o verdadeiro. Para além disso, meteram-lhes na cabeça que só devem crer naquilo que podem ver. Enfim, está tudo perdido!...

O velho de barbas brancas, que os duendes se tinham habituado a ver sempre alegre e ansioso pelo Natal, parecia outro. Estava muito pálido e os seus olhos espelhavam uma tristeza profunda. Stunis não aguentou e aproximou-se da cama do Pai Natal, dizendo-lhe:

- Levante-se daí! Vamos, faça o que lhe digo! Pode ter a certeza de que ainda há muitas crianças por esse mundo fora que acreditam em si e estão à espera de encontrar prendas no sapatinho, na manhã de Natal. Se não acredita em mim, vá ver com os seus próprios olhos! Saia dessa cama, vá até a um desses centros comerciais de que fala e finja que é um desses homens que se vestem de Pai Natal. Aí, poderá falar com as crianças e perceber que ainda há muitas que acreditam em si.

Os restantes duendes apoiaram de imediato esta ideia e fizeram tal alarido naquele quarto, que o Pai Natal lá acabou por ceder e pôs-se a caminho.

Parou na primeira grande cidade que encontrou e dirigiu-se para um centro comercial enorme, cheio de enfeites de Natal e em que as lojas transbordavam de pessoas. O Pai Natal encostou-se então a uma grande coluna, coberta por muitas luzes coloridas e esperou que as crianças se aproximassem. Não demorou até que um menino, dos seus três anos de idade, passasse por ali com a mãe, que transportava um saco cheio de prendas.

- Mãe, posso tirar uma fotografia com *aquele* Pai Natal?

- Vá, vai lá! – respondeu a mãe, tirando da mala uma pequena máquina fotográfica.

- Olá! – disse o pequeno, alegremente, sentando-se ao colo do Pai Natal.

- Olá! Então, o que pediste tu ao Pai Natal este ano? Refiro-me ao verdadeiro, claro!

O rapazinho riu-se e disse, com um ar triunfante:

- O Pai Natal não existe! Pensas que eu não sei? À minha mãe é que eu pedi prendas e ela já me comprou tudo o que eu queria!

- Atenção! – pediu a mãe do menino, de máquina fotográfica a postos. – Sorriam!

Pelos olhos do Pai Natal, passou uma nuvem negra. E foi essa expressão que ficou registada para sempre naquela fotografia.

Daí a uns minutos, passaram por ali duas meninas, acompanhadas de um velhote, de cabelo grisalho e barriga saliente, que parecia ser o avô.

- Vamos até ali! – pediu uma delas. – Vamos falar com *aquele* Pai Natal!

- Olá! – disseram as meninas, aproximando-se.

- Olá! – respondeu o Pai Natal.

- Essa tua barba parece mesmo verdadeira! – exclamou uma das meninas, curiosa. – Como é que consegues?

- É que ela é mesmo verdadeira. Deixei-a crescer, para ficar como a do Pai Natal. Ele tem uma barba assim, minhas meninas. – respondeu ele, começando a temer o que se seguiria.

- O Pai Natal não existe! – disse uma delas, com convicção.

- Não nos vais dizer que és mesmo o Pai Natal, pois não? Só os tolos é que acreditam nisso! – acrescentou prontamente a outra.

O Pai Natal não sabia o que dizer. Sentia-se tão mal! O que estava a acontecer por todo o mundo? O que se passara com as crianças? E o Natal? O que sucedera ao Natal? Dentro de si, sentia um vazio gelado, cada vez mais difícil de suportar.

Mais algumas crianças passaram por ali e as conversas não foram mais animadoras do que estas. A certa altura, o Pai Natal achou que já tinha ouvido tudo o que tinha para ouvir.

Pensou então que nunca devia ter vindo até ali. Isso só tinha servido para reforçar aquilo que ele já sabia bem demais: que as crianças já não acreditavam nele.

Voltou ao Pólo Norte, onde o tempo estava péssimo. O Pai Natal sentiu porém que a tempestade de neve que parecia querer engolir a sua terra estava de acordo com o seu estado de espírito.

Mal chegou a casa, os duendes receberam-no cheios de expectativa. Serviram-lhe uma refeição, acompanhada de uma bebida quente, e instalaram-no perto da lareira. O Pai Natal deixou-se conduzir, mas, nos seus olhos, havia uma sombra sempre presente. Isto não passou despercebido a Stunis. Tinham decidido deixar o Pai Natal comer e beber à vontade, antes de lhe perguntarem como tinha corrido a viagem. Sabiam que, com a magia enfraquecida, a viagem que tinha feito fora decerto muito cansativa e, por isso, queriam dar-lhe tempo para se restabelecer. No entanto, Stunis, ao ver o olhar triste do Pai Natal, teve dificuldade em não perguntar logo o que tinha acontecido. Assim, quando, ainda por cima, viu que o velhinho mal tocava na comida, não aguentou e perguntou:

- Então, o que aconteceu?

O Pai Natal olhou para ele, desolado. Em seguida, ficou ainda mais pálido, como se a neve, que caía violentamente lá fora, tivesse, de um momento para o outro, vindo pintar-lhe o rosto.

- Eu bem sabia – disse ele, falando num tom muito baixo. – As crianças já não acreditam em mim. Não precisava de ir até àquela cidade para o saber... Aliás, nunca lá devia ter ido. Sei que mo sugeriram com a melhor das intenções, mas eu bem sabia o que ia encontrar... Eu bem sabia... Nunca lá devia ter ido... Já nenhuma acredita em m... – o pobre velhinho não conseguiu acabar a frase e, com um suspiro de cansaço e desilusão, deixou-se afundar na grande poltrona em que o tinham instalado.

Os duendes não sabiam o que dizer. O que iriam fazer agora? Por momentos, ficaram em silêncio, olhando uns para os outros, com ar assustado. Aquilo podia ser o fim do Pai Natal... Quando conseguiram reagir, acenderam a lareira no quarto do Pai Natal e ajudaram-no a deitar-se na cama, pedindo-lhe que descansasse o mais que pudesse. Em seguida, saíram do quarto e foram para a sala onde costumavam trabalhar.

- Há que fazer algo, quanto antes! – disse Filtur. – Caso contrário, acho que algo de terrível vai acontecer.

Os outros abanaram a cabeça, em sinal de concordância.

- Já sei! – disse Stunis. – Já sei o que vamos fazer! Ouçam-me! Vamos ter de trazer algumas crianças que ainda acreditem verdadeiramente no Pai Natal até aqui, custe o que custar. Mas lembrem-se: só aquelas que não precisam de o ver ou de outras provas para saberem que ele existe é que podem vir connosco. Uma vez aqui, elas animarão o Pai Natal e tudo voltará a ser como dantes.

- Então, como vamos fazer? – perguntou Glor.

- Eu irei para a Ásia, Mirfir irá para África, Filtur dirigir-se-á para a Oceânia; Glor ficará com a Europa, Claifil fará o seu trabalho na América do Norte e, por fim, Nolir irá para a América do Sul. – explicou Stunis, com um ar muito sério. – Cada um deve descobrir aí uma criança que realmente acredite no Pai Natal. Depois, trá-las-emos até aqui e elas farão o Pai Natal recuperar todo o ânimo e alegria. Verão como ele se recompõe, ao ver que ainda há crianças, em todo o mundo, que sabem que ele existe, que não precisam de ver para crer. Para além disso, desta maneira, perceberá que pode fazer com que todas as crianças do mundo recuperem a crença nele. Terá a sua magia de volta e ficará pronto para mais um Natal!

- Vamos a isso! – disseram os restantes duendes, em coro.

- Sim, não há tempo a perder! – exclamou Stunis.

Prepararam-se para a viagem, agasalhando-se o mais possível e deixando a casa confortável para o Pai Natal. Antes de partirem, foram bater à porta do quarto onde ele descansava.

- Entrem! – respondeu o velhinho, com a voz mais fraca do que nunca.

- Pai Natal, nós vamos partir – disse Stunis, firmemente. – Vamos procurar aquelas crianças que acreditam em si, sem precisarem de o ver ou de qualquer outra prova. Aquelas que acreditam na magia do Pai Natal, que sabem que ela é real. Quando voltarmos, viremos com elas. Essas terão o direito de o ver desta vez, porque sempre acreditaram em si. Não concorda?

- Sim, concordaria, se essas crianças existissem. Mas já não há nenhuma.

- Claro que há! E nós vamos provar-lho! Se as trouxermos, recuperará a sua alegria, a sua força, a sua magia e irá deixar prendas aos meninos de todo o mundo, como sempre, não é?

- Se realmente as trouxessem, assim seria! Mas não vão conseguir encontrar nenhuma!... Está tudo perdido! – respondeu o Pai Natal, com um longo suspiro.

- Está enganado! Verá que as traremos! Até breve, Pai Natal! – e Stunis fez sinal aos outros duendes, para que saíssem do quarto.

Passado pouco tempo, cada um estava a caminho do seu destino.

Não foi nada fácil encontrar as crianças que procuravam. Os duendes escondiam-se nas casas e nas ruas, para espiarem os meninos e as meninas. Assim, era-lhes possível ouvir o que diziam aos pais, aos avós, aos professores ou uns aos outros. Mas, infelizmente, muitas das conversas eram como as que o Pai Natal ouvira no centro comercial. Isso entristeceu os duendes, mas não os fez desistir. E fizeram bem em ter continuado à procura. Todos eles acabaram por encontrar a criança de que estavam à espera. Curiosamente, três das crianças escolhidas faziam parte dos países mais pobres e as outras três, apesar de serem dos países ricos, pertenciam às camadas mais desfavorecidas da população. Os duendes aperceberam-se de que as crianças que tudo podiam comprar tinham tendência a tornar-se materialistas e a acreditar apenas naquilo que podiam ver ou adquirir. Pelo contrário, as que nada tinham e nada podiam comprar mantinham viva no espírito a fé na magia e naquilo em que, ao contrário do que diz o ditado, é preciso crer para ver. Stunis, por exemplo, descobriu uma menina, num bairro pobre de uma cidade, que, apesar de ser gozada pelos colegas de escola, afirmava que sabia que o Pai Natal existia e que, quem não acreditava, é que estava completamente enganado. Dizia que não precisava de o ver para saber que ele era real e que podiam dizer-lhe o que quisessem, que ela não deixaria de pensar assim. Não foi nada complicado convencerem as crianças a irem com eles. Cada um dos duendes não perdeu de vista a criança escolhida e, logo que explicaram por que é que tinham vindo, as crianças ficaram contentíssimas e disseram-lhes imediatamente que queriam ir com eles.

Desta forma, não muito tempo depois de terem partido, os duendes voltaram para o Polo Norte, levando com eles três meninos e três meninas – aqueles por quem eles tanto tinham esperado. Para as crianças, a viagem à terra do Pai Natal foi maravilhosa. Nunca em tal haviam pensado. Que sorte tinham! Saberem que lá iam com a missão de salvar o Pai Natal também as fez ficarem radiantes. Quando chegaram junto da grande casa, a neve brilhava à sua volta e fazia com que aquele local ficasse particularmente belo.

Uma vez lá dentro, os duendes instalaram as crianças numa das salas e correram a chamar o Pai Natal. Este, como era de esperar, estava metido debaixo dos cobertores, tão pálido como a neve que caía lá fora. Ao ver os duendes, olhou-os com um olhar de quem já nada espera e disse:

- Já chegaram... Não precisam de dizer nada! Eu bem sei que vieram sozinhos, pois não encontraram nem uma criança que acreditasse em mim. Eu sei, eu sei, não se cansem a falar...

- Mas, Pai Natal... – começou Stunis a dizer.

O Pai Natal interrompeu-o:

- Não precisas de dizer nada! Eu sei que não há esperança, que não trouxeram ninguém...

- Trouxemos, Pai Natal! Trouxemos! – gritaram os duendes.

- Estão ali, naquela sala! Venha vê-las! – disse Stunis, alegremente.

Nos olhos do Pai Natal, brilhou de imediato uma luz de alegria. Seria possível? Apressou-se a arranjar-se e a ir até à sala, onde seis rostos sorridentes o esperavam. A partir desse momento, o Pai Natal voltou a ter a expressão alegre que lhe era habitual e percebeu que a sua magia estava de volta. Sentia-se outra vez bem. Sabia agora que estas e outras crianças ainda acreditavam nele a sério e isso fê-lo ver que podia fazer com que todas as outras, por esse mundo fora, passassem a acreditar. Nessa noite, conversou muito com os seis meninos, que não cabiam em si de contentes. Também lhes deu chocolate quente para beberem e convidou-os a comerem quantos bolos quisessem.

No dia seguinte, as crianças voltaram para casa, acompanhadas por Stunis. O Pai Natal foi despedir-se delas à porta e pediu-lhes que não falassem da sua visita ao Pólo Norte, sabendo, no entanto, que elas não iam resistir. Acrescentou também que podiam ter a certeza de que, na noite de Natal, ele viajaria por todo o mundo com o seu trenó puxado por renas e distribuiria presentes por todas as crianças.

O Pai Natal cumpriu a sua promessa. Mal as crianças partiram, foi ter com os restantes duendes e disse-lhes para começarem imediatamente a tratar dos presentes. Como sempre, juntou-se a eles e trabalhou arduamente. A casa ganhou uma nova vida. A sala de trabalho encheu-se de alegria, à medida que os presentes iam aumentando e os restos dos papéis de embrulho coloridos se iam espalhando pelo chão. No dia vinte e quatro de Dezembro, estava tudo a postos. Mal o sol se começou a pôr, o Pai Natal encheu o trenó com os presentes e, com as bochechas rosadas e os olhos a brilharem como dantes, despediu-se dos duendes e pôs-se a caminho.

Nesse Natal, todas as crianças que não acreditavam no Pai Natal passaram a acreditar. No dia vinte cinco de manhã, todos os meninos e meninas do mundo tiveram prendas para abrir. E mesmo aqueles que não acreditavam no Pai Natal, tiveram de reconhecer que estavam errados. Aquelas prendas não eram as que os pais lhes tinham comprado. Muitos ouviram os barulhos do trenó durante a noite (sem nunca verem ninguém, claro) e, mesmo os que não ouviram, encontraram junto às prendas um papel com uma mensagem do Pai Natal, que dizia “ Como vêem, existo! Espero que gostem dos presentes. Assinado: Pai Natal.”. O velhinho de barbas brancas ganhara, de repente, uma enorme vontade de fazer com que todas as crianças voltassem a acreditar nele e, ao perceber como aquelas que tinham estado em sua casa conservavam em si uma fé tão forte, percebera que podia fazer com que isso acontecesse. E conseguiu mesmo. Por todo o mundo, as crianças que antes não acreditavam no Pai Natal tiveram de admitir perante aquelas de quem tinham troçado por terem essa crença que haviam estado todo aquele tempo completamente enganadas. A verdade é que, com o renascimento do Pai Natal para as crianças, o mundo tornou-se muito mais belo e pleno de possibilidades que só o espírito da magia pode realizar.

Catarina Coelho

Eterno Retorno

“Tem muito cuidado com aquilo que desejas, porque pode realizar-se.”

Sabedoria tradicional

Imaginem um homem. Um homem só. Um homem que vivia a relação com o mundo, com os outros, e mesmo consigo próprio, como pura distância, separação absoluta, solidão.

Para esse homem apenas uma coisa contava, um fim único, uma única meta regulava e orientava toda a sua vida, enchendo-a do sentido e do valor que de outro modo seria desprovida. Todos os seus pensamentos e desejos, sentimentos e acções, tudo o que era e fazia brotava e alimentava-se unicamente dessa fonte, em aparência inesgotável, à qual sacrificou toda a sua vida: tornar-se no Maior Actor de Sempre, protagonizando O Filme dos Filmes. Essa era a sua razão de viver, o seu sonho, o seu ideal, face ao qual tudo o resto pouco ou nada importava. Não surpreende, portanto, que não padecesse de qualquer tipo de hesitação moral ou de qualquer escrúpulo em fazer tudo o que considerava necessário para atingir o seu fim, pois do seu ponto de vista todos os meios eram legítimos quando por aquele eram justificados. Se nada mais lhe importava, se todo ele aspirava a um único fim, se o fazia com toda a força do seu ser, e se só isso o poderia fazer realmente feliz e sentir-se realizado, era óbvio para si que todos os meios eram válidos desde que se adequassem taticamente à estratégia global mediante a qual procurava alcançar o seu objectivo. Assim, com o seu eu ideal convertido em padrão absoluto de racionalidade e moralidade, a única coisa que lhe parecia simultaneamente irracional e imoral era desperdiçar qualquer oportunidade de avançar um pouco mais na conquista do seu sonho. Até nos sonhos, fossem eles acordados ou a dormir, todas as suas fantasias eram exclusivamente dirigidas para a mesma finalidade, onde afinal se concentrava a totalidade do seu existir. A tal ponto o obcecava a ideia, que houve momentos em que chegou a considerar, embora apenas teoricamente, a possibilidade de estar a enlouquecer, ou de já estar mesmo louco. Mas rapidamente esquecia e abandonava a hipótese, tal era a força da obsessão que o movia para além de qualquer sentido de medida razoável. Aliás, todo e qualquer sentimento de dúvida que pudesse surgir no seu espírito relativamente ao projecto, fosse sobre a sua legitimidade moral, a sua exequibilidade ou outra, era automaticamente assimilado, esvaziado do seu poder negativo e transformado no seu contrário positivo, num reforço da certeza inabalável que o sustentava. A mesma receita era seguida em relação a todos os obstáculos e dificuldades com que se ia deparando, superando-os à custa da sua utilização em benefício do projecto, a fim de prosseguir com força renovada o seu caminho. Empenhava-se, assim, a fundo em tudo o que fazia, dizia, pensava, queria ou sentia, aprendendo e retirando uma lição de vida e conhecimento de tudo aquilo que experienciava e lhe acontecia. E no entanto nenhum desse conhecimento ou experiência adquirida fazia qualquer sentido por si, mas tão somente enquanto meios para a realização do seu sonho. Ele sabia isso muito bem. E também sabia que esse ideal, ao qual dedicava todo o seu amor e toda a sua vida era, no fundo, ele próprio projectado

num futuro virtual mais ou menos distante, e que o centro do altar, onde tudo era para si sacrificado ou sacrificável, era ele mesmo idealizado. Também tinha perfeita consciência do abismo existente entre esse eu imaginário e o real com que todos os dias se deparava. Mas a tensão e distância entre os dois planos servia-lhe apenas como mais um estímulo, uma motivação acrescida para fazer desaparecer a diferença e realizar a identidade de ambos, o que se traduziu numa aspiração constante e implacável à perfeição em todas os aspectos da vida. Não à perfeição moral, como é óbvio, mas àquela perfeição que, num de misto de arte, ciência e técnica, resulta do ajustamento perfeito entre os meios e os fins, e se revela na competência eficaz. Não descurava, desse modo, o mínimo pormenor, e fazia uso de todas as suas capacidades a fim de dar o seu melhor em tudo a que se dedicava. Para tal, estabeleceu progressivamente uma espécie de lista ou inventário geral de todas as actividades em que a sua vida se deixava dividir, organizando-as segundo critérios racionais de espaço, tempo, qualidade e prioridade em relação ao seu objectivo final, planeando tudo nos mínimos detalhes, para assim conseguir uma maximização dos efeitos com um mínimo de esforço ou desperdício. Organização, Método, Sistema eram o seu lema, Ordem e Finalidade a sua Fórmula Mágica, a Chave do seu sucesso, não cessava de repetir para si mesmo. O seu plano coordenador global articulava e conferia unidade harmónica ao que, entregue a si próprio, seria caótico e vazio de sentido. Tudo era calculado, cada gesto, cada palavra, cada pensamento, cada acção, tudo estava ligado a tudo por laços de necessidade e mútua dependência, e era vital que assim fosse para o êxito do projecto. Nada foi deixado ao acaso, aos caprichos da sorte ou do azar, tudo tinha o seu sentido, o seu lugar e a sua função no interior do sistema, constituindo momento, aspecto ou elemento indispensável ao seu desenvolvimento e concretização. Mas, mesmo optimizado pelo plano – ou por causa dele –, o esforço para submeter a um controlo rigoroso e absolutamente impiedoso a totalidade da sua vida, o conjunto das situações e relações pelas quais passava, tornou-se por vezes insuportável e sobre-humano. Houve momentos em que se sentiu à beira de um esgotamento nervoso, em que receou enlouquecer, em que teve vontade de desistir, tal era a pressão que sobre si mesmo exercia e a que se submeteu de livre e espontânea vontade, oferecendo o seu eu real presente em sacrifício sagrado ao seu eu ideal futuro. Amou, odiou, temeu, esperou, desesperou, sempre com o mesmo objectivo em mente, sempre animado de um só e mesmo pensamento. Desde que tinha consciência ou memória de si mesmo que tinha sido assim, e sempre assim seria, estava certo disso, até que atingisse o seu alvo e o seu destino se consumasse. E consumou. Demorou tempo, muito tempo, demasiado tempo, quase uma vida, mas o que é o tempo para quem tem uma missão a cumprir?! Nada, ou um obstáculo meramente provisório - paradoxalmente temporário -, porventura necessário ao alcance do resultado desejado. Um dia, finalmente, todo o seu esforço e sacrifício foram recompensados, e até mesmo o crime quase perfeito que foi obrigado a cometer, assassinando um hipotético rival suspeito de acalentar um projecto idêntico ao seu, foi por si racionalizado como necessário e rapidamente esquecido, juntamente com tantas outras pequenas e grandes imoralidades que teve de praticar para conseguir o que queria. “Afinal valeu a pena”, dizia de si para si mesmo, tudo valia e tinha valido a pena, agora que havia alcançado o tão almejado fim. Para quê preocupar-se com isso, se em termos criminais foi um crime perfeito, planeado e executado com o mesmo rigor e exactidão científicas, com a mesma competência técnica e mestria artística com que desempenhava todas as outras tarefas da vida? Se nunca ninguém, para além de si próprio, soube, ou sequer suspeitou, da verdadeira identidade do homicida? Claro que estava justificado, pois como poderia ele correr o risco de ver outra pessoa chegar

primeiro, ou mesmo depois, ao patamar a que aspirava? Impossível! O segundo é o primeiro dos últimos, como diziam os americanos. No concurso para o melhor de todos só havia lugar para um, sempre tinha sido assim e sempre assim seria, sabia-o muito bem.

E assim se passou a quase totalidade da sua vida mortal, dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano, e a luta pela causa, pela sua Causa (como gostava de chamar-lhe), manteve-se incessante. Qual aranha fiadora, teceu a sua teia com engenho e cuidado a fim de a tornar perfeitamente adequada ao papel que iria desempenhar.

Quem espera sempre alcança, dizem, mas nem sempre é assim. Neste caso, para o nosso homem, o provérbio funcionou no entanto, e aquele viu finalmente recompensados os seus esforços como se fosse um prémio, não propriamente de carreira, mas de vida, pela sua vida, pela sua alma, pelo seu corpo, por todo o seu ser, uma vez que todo ele tinha sido investido no alcance do objectivo final. Conseguiu enfim ver reconhecido o seu valor depois de tantos anos de sacrifício e sofrimento, a que também não foram estranhos os aguilhões da sua própria consciência culpada em virtude dos actos moralmente abomináveis que foi forçado a cometer com vista ao sucesso do projecto. Se não fosse a sua aparentemente inesgotável energia, a sua incomensurável vontade de poder, a sua determinação absoluta em conseguir o que queria, fosse a que preço fosse, custasse o que custasse, doesse o que doesse e doesse a quem doesse, sem olhar a meios para atingir o seu único fim sagrado que tudo justificava, sem essas qualidades nunca teria conseguido, não teria resistido e a desistência tornar-se-ia a única solução humanamente viável. Mas não! Com uma força, a seus próprios olhos motivo de espanto e perplexidade, prosseguiu incansável contra tudo e contra todos, superando todos os obstáculos que se interpunham entre si e o seu ideal, sem concessões, sem cedências nem compromissos de qualquer ordem, até finalmente chegar onde desejava, a realização do seu sonho louco, a sua imortalização, a sua Glória absoluta.

Foi-lhe então oferecido o tão ambicionado papel e mais, a completa liberdade para escolher o argumento, realizador, produtor e tudo o mais. Oh, águia voadora! Oh, delícia suprema! Oh, prazer divino! Foi o êxtase total! Melhor ainda do que poderia imaginar, do que sempre tinha imaginado que seria, muito melhor, infinitamente superior à maior das suas expectativas. Podia fazer o que quisesse, tudo dispor de acordo somente com a sua vontade livre, soberana e criadora. Depois de uma vida inteira a si próprio agrilhado, carrasco de si mesmo, mergulhado apenas em si próprio, conhecedor abissal de si mesmo - dos seus medos e obsessões, das suas forças e fraquezas, dos seus amores e ódios -, o desejo original consumou-se finalmente, e o impulso radical que aspirava a fazer coincidir a sua liberdade com a sua necessidade e o seu ideal com o seu real logrou atingir o seu clímax, com a inevitável sensação de onnipotência daí decorrente. O gozo do triunfo foi de tal ordem, tão isento de qualquer sombra ameaçadora, tão completo que, a princípio, quase se tornava um obstáculo à prossecução do projecto. Parecia um sonho, e era-o, em certo sentido, o seu sonho a tornar-se realidade. Impossível? Absurdo? Ridículo? Não, nada disso, pelo contrário, o resultado lógico e a consequência necessária de um projecto global de vida perfeitamente concebido e realizado, todo ele racionalizado, idealizado, sentido, vivido e executado na perfeição, sem falhas, sem qualquer mácula tanto na sua concepção teórica como na transposição daquela para a prática concreta. Ele sabia que o segredo do seu sucesso se devia a ter conseguido criar, por força da sua vontade e clarividência da sua inteligência, uma ordem unificada e estável onde havia, ou podia haver somente

caos e multiplicidade instável, que é no fundo a matéria de que a vida é feita quando entregue a si mesma, aos acasos e caprichos dos desejos e das circunstâncias. Mas ele tinha conseguido dominá-la e dar-lhe uma forma, a sua forma, e por isso se sentia orgulhoso de si próprio, tal como um escultor se sente orgulhoso da sua escultura ou qualquer artista da sua obra, quando estas encarnam na perfeição a sua forma ideal, que era aqui ele mesmo e a sua vida. O seu sucesso, sabia-o melhor que ninguém, nada tinha de misterioso, enigmático ou transcendente; e a sua vida de privação, trabalho, sacrifício e sofrimento, bem como as marcas e cicatrizes que lhe tinham deixado no corpo e na alma, eram suficientes para o provar ao mais céptico. Sim, ele merecia isto, ninguém mais do que ele o merecia, pois ninguém mais do que ele o desejara e lutara por isso.

Passado o breve, mas intensíssimo, momento de glória, impunha-se agora começar realmente. E foi aqui que começaram os problemas, pois sentia-se como que impotente para o fazer, como que assolado por uma inactividade e uma inércia a que sempre tinha permanecido estranho. Era como se agora, depois de saber que podia fazê-lo, que tinha tudo para o fazer, meios técnicos, humanos e materiais totalmente ao seu dispor e com o orçamento que quisesse, com recursos praticamente ilimitados, no seu íntimo já o tivesse feito; como se o filme, o seu filme, O Filme dos Filmes, no qual representaria O Papel dos Papéis, O Filme Perfeito e Completo protagonizado pelo Actor igualmente Perfeito e Completo, fizesse já parte do passado e não algo a realizar no presente ou no futuro imediato. Foi como se a energia dispendida para ali chegar se tivesse subitamente esgotado, por milagre ou maldição, no exacto momento em que atingiu o seu máximo, como se se tivesse materializado e cristalizado em pura matéria inerte, ou dissipado em calor, irrenovável, irreversível, inutilizável; como se a experiência absoluta do sentimento de triunfo de ter chegado onde queria, de ter conseguido criar todas as condições para o sucesso, para a realização do seu sonho de sempre, o tivesse agora paralisado, incapacitando-o para qualquer esforço de mobilização das potências regeneradoras que sempre o tinham animado e estimulado nos piores momentos e situações do seu percurso vital. Era como se estivesse bloqueado, impossibilitado de prosseguir aquilo a que tinha dedicado a vida inteira, precisamente pelo facto de a isso, e só a isso, se ter dedicado. Necessitou de, mais uma vez, realizar um parto dolorosíssimo no interior de si mesmo, a fim de poder continuar a concretizar o seu projecto. Não podia desistir agora que se encontrava tão perto do objectivo e com tudo para o alcançar. Depois daquilo que tinha passado, sentia-se quase como se já tivesse morrido, como se a sua vida não mais fizesse qualquer sentido, como se o projecto estivesse cumprido e se tivesse esgotado na raiz. Se não fosse o treino de ferro a que sempre tinha submetido a sua vontade e a sua consciência, treino reforçado pelos muitos erros e fracassos acumulados, aprendidos e prontamente corrigidos, não fosse essa atitude exigente e espartana consigo próprio, que tinha cultivado toda a vida – fazendo eco de uma das suas máximas filosóficas favoritas do seu filósofo preferido, segundo a qual “O que não nos mata torna-nos mais fortes” - e não teria conseguido prosseguir, teria sucumbido a esse trauma completamente inesperado. Mas conseguiu ultrapassar mais esse obstáculo e encontrar a coragem necessária para prosseguir, decidido que estava a não desistir tão perto do fim, a não deixar que o seu melhor (e único) sonho se tornasse no pior dos pesadelos, o equivalente a assumir o fracasso de toda uma vida. Não! Continuaria, desse lá por onde desse! Daria a vida por isso, se necessário fosse! Até venderia a alma ao diabo, se fosse preciso! Aliás, de certa forma já tinha feito ambas as coisas, pois de que outra maneira haveria de ter chegado onde chegou se esse duplo negócio não tivesse há muito sido consumado?! Como sempre, estava disposto a tudo e tudo faria para combater o desespero em que se encontrava e reatar o laço, que se

revelou tão precário e fugaz, com a felicidade perdida, com esse breve instante de eternidade e êxtase que havia experimentado. Se antes a felicidade sempre lhe tido parecido uma miragem distante e, mesmo assim, nunca tinha cessado de a procurar com todas as suas forças, então agora, que a tinha saboreado interiormente como estado de exaltação radical, é que não iria seguramente desistir de a recuperar para si. Novamente a esperança haveria de cintilar, nem que para isso tivesse de fazer o que jamais tinha feito ou ousaria fazer em condições normais: pedir ajuda, recorrer directa e explicitamente a outra pessoa, para o ajudar a sair do buraco negro em que sentia ter entrado. Para grandes males, grandes remédios - e ele, melhor que ninguém, tinha perfeita consciência das suas possibilidades e limites. O seu conhecimento de si próprio tinha-o ensinado que mesmo ele não possuía recursos e capacidades ilimitadas e que, por vezes, ainda que de forma meramente instrumental, era necessário recorrer a outrem para conseguir obter o que queria. Ao verificar, angustiado, que não poderia continuar sozinho a sua obra e, a menos que a partilhasse com alguém, esta não seria integral e plenamente realizada, correndo o risco de se manter indefinidamente incompleta e em projecto, não hesitou. Se a necessidade aguça o engenho, o pânico e o desespero tornam-no genial, desde que não o paralise. Face a essa possibilidade aterrorizadora, decidiu contar a sua história a uma pessoa da sua confiança, alguém que, de certa forma, alimentava um projecto semelhante ao seu, mas que ele sabia não constituir qualquer risco para si. Verdade se diga que não o fez de ânimo leve e sem antes ter tentado resolver o problema por si mesmo. Mas a necessidade tornou-se imperativa a partir do momento em que, ao julgar-se ainda capaz de prosseguir a solo o seu projecto e acalentando a esperança toda-poderosa de tudo controlar e executar à sua imagem e semelhança, pensou em tornar-se simultaneamente o argumentista, o produtor, o realizador e o actor principal do filme. Ao perceber que só acumulando todas essas funções poderia ser verdadeiramente onnipotente, onnisciente e omnipresente em relação à sua obra, tornando-se o criador de si próprio e do seu mundo, isto é, o Deus do seu universo, tal como sempre tinha sido, ou tentado ser, da sua vida, e que só assim, sem depender de nada nem de ninguém, seria realmente livre de todas as limitações e constrangimentos que condicionavam a vida real, viu-se então confrontado com aquilo que parecia ser uma dificuldade insuperável: um vazio infinito! Que argumento escrever, que história imaginar, que filme fazer, quando se passou a vida inteira entregue a um só objectivo, com uma só razão para viver? Aquilo que até então lhe tinha surgido como digno e valoroso, o fundamento primeiro e último do seu existir, a sua grande força e virtude, aquela onde tinha dado o seu melhor e pela qual queria ser recordado, parecia-lhe agora fútil e vã, desprovida de qualquer valor e possível causa da sua ruína. Era como se, paradoxalmente, aquilo que tinha possibilitado a realização do seu sonho fosse também, ao mesmo tempo, a causa do seu fracasso. Solitário, sem amigos, toda a vida refractário a qualquer situação ou relação desinteressada, vivendo e pensando tudo numa única perspectiva, do ponto de vista do seu ideal, ignorou as mais elementares regras e leis da convivência e condição humanas, servindo-se, ao contrário, de todas elas como utensílios a seu serviço, tal como tinha feito das próprias pessoas, e até de si mesmo. Ao fim ao cabo, a realização do seu sonho implicava precisamente transcender todas essas limitações e servir-se delas para alcançar um único objectivo, em nome do qual tudo podia e devia ser usado e sacrificado. Ele sabia que os fins justificavam os meios e que o Bem e o Mal, o Certo e o Errado, o Justo e o Injusto não passavam de ficções humanas, demasiado humanas, ao serviço dos fracos e dos imbecis, que acreditavam naquilo que gostariam que fosse verdade, só para se consolarem e iludirem a sua fraqueza e imbecilidade, a sua miserável insignificância! Um Homem

Superior como ele não vivia segundo a moralidade do rebanho, condicionado pelos valores inferiores dos pobres de espírito: criava os seus próprios valores à sua medida, à medida da sua grandeza, da sua necessidade de auto-afirmação e da sua vontade de poder, as quais estavam para além do Bem e do Mal convencionais e definiam o seu próprio bem e mal. Não, não tinha agora de se arrepender ou culpar de nada, pois tinha-se limitado a fazer apenas o que o projecto exigia de si e nada mais! Tudo aquilo que eventualmente pudesse ter feito de errado à luz dos padrões da moralidade convencional tinha sido o estritamente necessário ao andamento do projecto; e apenas como meio para esse fim, nunca por gozo ou maldade pessoal. Era assim que tinha de pensar. Não era altura para dúvidas ou inquietações morais que, além de inúteis, eram prejudiciais ao alcance do objectivo prioritário, fazendo-o perder tempo e energia vital com irrelevâncias. Se nunca antes se dera ao luxo de perder tempo com coisas vãs, que não o auxiliassem no que mais importava, era muito pior agora que já não era novo e já não tinha toda a vida à sua frente para atingir o seu alvo. Além do mais, não era altura para hesitações dessas, agora que tinha chegado aonde pretendia. Não era de todo o momento oportuno para se permitir sofrer de crises existenciais ou dúvidas pseudo-filosóficas sobre o sentido e valor de tudo o que tinha feito para conseguir o que queria. Esta era, seguramente, a pior altura para se deixar abater pela angústia, pelo desânimo e pelo desespero. Tinha de continuar a qualquer preço, custasse o que custasse, como sempre tinha feito. E, no entanto, o problema era bem mais grave do que poderia suspeitar a princípio, como depressa se veio a aperceber.

Como vimos, logo que se deparou com o problema de saber que argumento escolher para o seu Filme, só o vazio lhe encheu a imaginação, já que esta sempre funcionara exclusivamente num só sentido, tendo em vista uma única meta, e tornara-se por isso incapaz de reflectir outras realidades alternativas, de as criar ou descobrir em si mesma e por si mesma. A obsessão única e exclusiva de toda a sua vida tinha secado a sua imaginação criadora, tinha-o lobotomizado numa faculdade que se revelava agora indispensável à conclusão do projecto. Era como se, ao reduzir todo o seu ser e existência à busca de uma só coisa, ao canalizar todas as suas energias e capacidades ao serviço de uma só causa, tivesse operado sobre si mesmo uma tal redução e empobrecimento, um tal fechamento sobre si próprio, que o tornava impotente para pensar ou escrever sobre qualquer outra coisa. Quando percebeu o beco sem saída em que aparentemente se metera, a terrível armadilha em que se deixara cair, mais uma vez a angústia e o desespero tomaram conta do nosso homem, um desespero tão forte e uma angústia tão profunda que, mais uma vez, teve receio de sucumbir de corpo e alma à avassaladora experiência. Mas não era próprio dos mais fortes terem de vencer os maiores e mais difíceis obstáculos e superar as provas mais terríveis? Não eram eles que até as inventavam, se necessário fosse, só para se porem à prova, só para testarem as suas forças e alcançarem o sentimento de triunfo sobre si mesmos e as circunstâncias? Não é precisamente assim, submetido às maiores pressões e temperaturas, que o melhor aço é moldado? Provando estar à altura do papel que o destino lhe tinha reservado - e que ele próprio tinha criado -, uma vez que a sua imaginação, a sua inteligência, a sua vontade e todas as outras faculdades estavam e sempre estiveram concentradas num só foco central que havia tornado tudo o resto insignificante, por que não fazer das fraquezas forças e cavalgar o tigre, dominando-o e submetendo-o à sua vontade ou deixando-o correr até se cansar? Por que não transformar um aparente defeito na maior das virtudes, invertendo as forças do adversário e aproveitando-as contra ele próprio, como se faz no judo? Por que não fazer como sempre tinha feito com resultado? Ao invés de se assumir como vítima de si mesmo ou da vida e de lamentar o facto, deitando

tudo a perder, porque não fazer da sua própria vida o argumento do filme? Genial! Perfeito! Soberbo! Que ideia seria melhor, que história poderia ser mais interessante, mais completa, mais adequada, que a da sua própria vida, com todo o esforço que envolveu para chegar exactamente ali onde agora se encontrava? Era a solução perfeita para o problema, ao mesmo tempo a única possível e a justa para si mesmo, pois ninguém mais do que ele merecia aquela homenagem que só ele se podia dar. Tal como Napoleão se havia coroado a si próprio por não reconhecer nenhuma autoridade humana ou divina digna por direito de o fazer, também ele celebraria o seu triunfo à sua maneira imperial: contando a sua própria história no filme da sua vida interpretado por si mesmo. Agora que havia encontrado a solução lógica perfeita, tanto para o seu filme como para a sua vida, fazendo-os coincidir numa só obra de arte total, nada nem ninguém o demoveria da ideia.

Passou então à acção, não conseguindo, no entanto, impedir-se de sentir um leve mal-estar sempre que pensava na saída encontrada para o problema. Mas, não lhe atribuindo qualquer significado especial, procurou desvalorizar o facto, tentando esquecê-lo. A satisfação por ter finalmente descoberto a fórmula mágica que lhe abriria a porta entre a realidade e o sonho parecia-lhe muito mais importante do que pequenos mal-estares insignificantes, os quais, atendendo aos seus antecedentes, eram até naturais. Nem mesmo os estranhos arrepios e os calafrios que sentia dos pés à cabeça, como se de um pressentimento se tratasse, sempre que invocava a sua luminosa ideia, o fizeram demover da certeza inabalável de que tinha encontrado a chave para a resolução de todos os seus problemas. Talvez isso tivesse apenas a ver, no fundo, com o leve incómodo de saber que não tinha outra alternativa, que era aquilo ou nada. Ou talvez esse sentimento de inquietante estranheza se devesse ao facto de ter precisado de alguém que não ele próprio, o que lhe tinha causado, admitia-o, uma pequena-grande ferida narcísica, uma fissura no orgulho que sentia por sempre se ter bastado a si próprio. Ao mesmo tempo, curiosamente, essa abertura a outrem tinha-lhe criado um sentimento ambíguo de tranquilidade e de paz que nunca antes havia sentido, como se tivesse delegado parte da carga de responsabilidade absoluta que sempre tinha carregado exclusivamente sobre os seus próprios ombros. No fundo, estava aliviado pela partilha do peso que tinha suportado toda a vida, sentindo-se enfim livre da obsessão paranóide do absoluto auto-controlo que sempre tinha imposto a si próprio e que tanto sofrimento lhe tinha causado.

Tendo o outro aceite entusiasticamente a proposta de colaboração, dadas as afinidades electivas que ambos partilhavam e uma vez que o acordo podia ser mutuamente vantajoso, ficou então acertado, na divisão de tarefas, que aquele ficaria incumbido da realização do filme, poupando trabalho e facilitando a vida ao nosso homem, o qual seria, ainda assim, o autor do argumento e o actor-protagonista principal. Até porque este, ao confrontar-se com a tarefa da realização, e a despeito de todo o estudo e preparação que fez ao longo da vida, sentiu uma vez mais que a sua habitual independência e auto-suficiência vacilavam face à enormidade do que tinha pela frente. A criação e selecção de cenas, situações e acontecimentos, indispensáveis ao desenvolvimento articulado e coerente da narrativa, quer do ponto de vista lógico quer estético, era missão para a qual não se sentia pessoalmente em condições de executar. Mas porquê, se toda a vida se havia treinado, preparado e estudado para o efeito? Estaria agora com medo de não estar à altura? Com pavor de fracassar? De ver confirmados os seus receios de não conseguir? De ter sonhado alto demais para as suas pernas? Estaria agora, à beira do sucesso, a ser dominado por algum sentimento de culpa paralisante que o fazia sentir-se inseguro das suas capacidades? Estaria,

inconscientemente, a punir-se por algo? Por toda a sua vida, talvez? Não, não podia aceitar nada disso! A verdadeira razão era certamente bem mais simples e prosaica. Para quê complicar, quando uma explicação mais simples pode dar conta do recado? Não era esse, afinal, um bom princípio metodológico seguido com êxito desde a Idade Média? Talvez estivesse apenas demasiado envolvido, demasiado próximo, para possuir o distanciamento necessário a uma opção criteriosa entre possibilidades alternativas, assim como para atribuir valor de relevância distinto a experiências todas elas vividas com idêntica intensidade. Mas havia ainda um outro problema daqui decorrente: como resumir, em duas ou três horas, uma história que durou uma vida, sem a mutilar, sem a transformar num simulacro, quiçá ridículo, de si mesma? Como reduzi-la ao essencial, sem fazer tábua rasa da sua infinita riqueza e complexidade? Claro que, no seu caso, tal empresa se encontrava facilitada pelo facto de ter dedicado toda a sua vida a uma só causa, mas ainda assim não conseguia impedir-se de sentir que, para respeitar integralmente o projecto original, para lhe ser fiel e coerente consigo mesmo, teria de estender por igual período de tempo a duração do filme, o que era naturalmente impossível. Mas se tudo tinha sido igualmente significativo na sua vida, se ele assim o tinha resolvido e conseguido, como fazer então? A saída deste labirinto de aporias parecia ser uma só: confiar no juízo de valor e no discernimento de outrem, de alguém estranho e exterior a si próprio e à sua vida, e nele delegar a responsabilidade de decidir da relevância, oportunidade e sentido de cada peça para a economia do conjunto. Parecia ser a única solução viável, a única capaz de ultrapassar a dificuldade, para si insuperável, de compactar e reconstruir toda a sua vida nos limites de um filme de duração normal. E, no entanto, era demais para ele saber que, depois de tudo o que passou, tinha agora de entregar uma parte vital do seu projecto nas mãos de outra pessoa, ver outro realizar, mesmo que para si e consigo, aquilo que era o sonho de toda uma vida. Nem mesmo o pequeno alívio sentido pela partilha das responsabilidades e por ter entregue ao outro a “batata quente” que ameaçava queimar-lhe as mãos lhe serviu de grande consolo, ou foi suficiente para iludir o desgosto profundo que nele se instalou por sentir que estava, na realidade, a trair-se a si e ao projecto, abdicando de si mesmo em função de um outro que nada tinha a ver com aquilo, pelo menos até agora. Mas enfim, como é sabido, circunstâncias extraordinárias exigem e, por isso, justificam medidas extraordinárias. E tudo era preferível a desistir, para mais tão perto do objectivo. Se era necessário fazer mais este sacrifício, o derradeiro, pois fá-lo-ia! Se já tinha feito tantos, se toda a sua vida tinha sido, em última instância, um sacrifício total oferecido ao seu deus supremo, que era ele mesmo, por que não mais este, que era provavelmente o último e decisivo?! Tudo, em nome da realização do seu sonho! Tudo, em nome da sua auto-realização!

Transpostas estas dificuldades, mas não o mal-estar e a angústia que sentia crescer dentro de si como um cancro, que o consumia aos poucos, começaram então as filmagens. E foi aqui que a razão de ser desse mal-estar se manifestou com toda a força de uma revelação, ao mesmo tempo surpreendente, inesperada e absolutamente previsível – porque rigorosamente determinada –, caso a sua atenção não estivesse desviada e concentrada noutra parte, iludindo aquela consciência obcecada por uma só e mesma ideia. A revelação da verdade foi como uma autêntica bomba psíquica, mas daquelas que, em vez de rebentarem para fora, o fazem para dentro, implodindo. Como se já não bastasse a sua presente situação de dependência, surgia agora também aquela descoberta que parecia minar as bases de qualquer concretização possível do seu projecto, do sonho da sua vida. Qual não foi o seu espanto quando, no início das filmagens, se apercebeu horrorizado que lhe seria impossível superar o paradoxo

estrutural em que assentava todo o projecto, ou seja, o tornar-se simultaneamente o actor e o personagem que a si mesmo se representa numa espiral de recorrência indefinida. Ó suprema distância de si a si próprio! Ó sublime e terrífico labirinto dos labirintos! Como viver tudo o que já foi vivido? Como reviver o fogo do sofrimento eterno outra vez? Como anular a distância que não pode ser anulada por não existir? Como suportar o inferno de tudo viver novamente, de se identificar consigo mesmo em todos, ou pelo menos nos principais momentos da sua vida mortal? E não eram estes precisamente os mais dolorosos de todos, aqueles que, de acordo com a selecção operada por si e pelo outro, eram considerados os momentos cruciais, os mais decisivos da sua vida, tendo em conta o seu objectivo? Que fazer face a essa terrível realidade? Como sair daqui, agora que tudo parecia começar a desmoronar-se e o melhor sonho parecia na iminência de se transformar no pior pesadelo? Como avançar, quando a dificuldade parece insuperável e intransponível, quando esta, no fundo, parece fazer parte essencial do projecto? Como reagir, quando toda a acção parece estar necessariamente votada ao fracasso por motivos inerentes ao seu próprio desenvolvimento e realização? Seria possível alguém interpretar-se a si mesmo, ignorando nesse acto a dor de reviver todo o sofrimento que a vida lhe havia custado, reactualizando todas as memórias de pesadelo que até hoje o atormentavam? Revivendo tudo outra vez? E, mesmo que isso fosse possível, que houvesse uma saída para essa situação infernal, como iludir a seguinte aporia: que tudo o que tivesse feito, pensado ou sentido desde então, desde que começara a filmar, teria de ser também incluído no filme, teria de ser igualmente representado e filmado? Tudo o que agora fazia, correspondendo à etapa final e decisiva do seu projecto e da sua vida, tinha inevitavelmente de ser reabsorvido no interior do próprio filme, sob pena de este ficar, não só incompleto, mas mutilado na sua dimensão fundamental. Se queria que toda a sua história fosse transposta para o filme, até o próprio processo de realização do mesmo tinha de ser incorporado naquele. Como iludir então a realidade iniludível de que até o próprio filme teria de ser filmado, representado, encenado e assim por diante, infinitamente? E o pior de tudo era que as mesmas consciências e inteligências que sempre tinham sido duas das suas principais armas, ao permitirem-lhe ver com clareza e objectividade o que para a maioria era nebuloso e confuso, funcionavam agora contra si, tornando-se porventura as suas piores inimigas. Para alguém que possuía um orgulho incomensurável em si próprio e no conhecimento infalível que julgava possuir da realidade e da vida, habituado como estava a controlar as situações e a prevê-las, planeando as acções adequadas ao desfecho desejado, sofria agora uma tremenda lição de humildade para a qual não estava de todo preparado. Compreendia agora, porventura demasiado tarde, que nem a realidade, nem a vida, nem as pessoas são como um jogo de xadrez, em que tudo pode ser programado e controlado pelo melhor jogador, simplesmente calculando a estratégia mais adequada e as táticas mais eficazes à vitória final, pondo e dispondo as peças de acordo com as necessidades do jogo e a vontade dos jogadores. Ao atingir o topo da sua carreira, escalado o cume da sua vida, descobria-se agora prisioneiro de si próprio e do seu projecto, mas não da forma que sempre tinha sido enquanto ainda alimentava a esperança de o poder realizar. Agora tinha percebido que o projecto continha, desde a origem, as sementes da sua própria destruição, sob a forma de uma contradição insanável que impossibilitava, por princípio, a sua concretização. Não era possível prosseguir a realização do filme e, por consequência, da sua vida, a não ser que esta fosse completamente esgotada e absorvida por aquele, o que teria de acontecer caso o projecto continuasse. O filme da sua vida e a vida do seu filme teriam assim de coincidir numa espécie de Obra de Arte Total

impossível - tão impossível como a existência de um círculo quadrado -, tal como uma serpente que morde a sua própria cauda e se alimenta de si mesma. Toda a sua vida teria de ser filmada e refilmada, todo o passado, todo o presente e todo o futuro, até o filme e a vida se tornarem uma e a mesma coisa, vivendo para filmar e filmando para viver, filmando o que vivia e vivendo o que filmava, só assim conseguindo atingir a completude e a consistência ambicionadas. Quando percebeu a suprema armadilha em que tinha caído, o absoluto beco sem saída em que se tinha metido, a sua mente não aguentou a visão da terrível verdade e colapsou, fazendo-o reviver para sempre, no seu interior, a totalidade da sua história vivida até àquele momento, até ao momento em que se viu forçado a abandonar o sonho de toda a sua vida por causa da natureza absurda e impossível do próprio projecto que a tinha animado e orientado. Foi a resposta possível de uma alma atormentada e de mil tormentos sofredora, que conseguia, desta forma simultaneamente irónica, paradoxal e trágica, realizar alucinatoriamente o seu desejo, sob a forma de um eterno retorno de si a si mesmo. Tinha-se, enfim, perdido para sempre no interior de si próprio, no infinito labirinto especular da sua própria mente. Estava agora definitivamente fechado ao mundo exterior, condenado a ver e a reviver infinitamente o seu próprio filme, o eterno filme da sua vida, no interior da sua mente delirante. Agora ele era - e seria para sempre - o eterno actor, espectador, realizador e personagem do filme da sua vida. A esse estado, os comuns mortais costumam dar um nome: loucura! Os crentes preferem chamar-lhe Inferno. Mas, para ele, nada disso importava já. O que importava era que tinha conseguido. O seu sonho tinha sido finalmente realizado.

João Carlos Silva

Cansaço / Outra vez

O sol ia se pondo no Guaíba. Lento e sôfrego, como o ânimo de Justine. Já estou indo, avisou ela pelo telefone celular. Tristeza? Melancolia? Frustração? Não. Cansaço. Era cansaço que ela sentia. Aquele tipo de cansaço que uma noite de sono não tira. Desligou o laptop e espichou o olhar pra fora da janela. No céu, poucas nuvens imitavam ondas do mar. Só mais um pouquinho e estaria protegida na segurança e aconchego do colo da mãe. Será que Deus não havia se excedido no peso e tamanho da cruz? Tempos de treva e resignação, solidão e inércia, pensou consigo.

O elevador foi descendo um a um, os 14 andares. Boa noite, dona Justine, despediu-se o zelador. Até amanhã, respondeu a publicitária. Cara esquisito o zelador. Justine gostava de observar as pessoas e depois transformá-las em personagens de suas histórias. Nas horas vagas, distraía-se escrevendo contos, crônicas ou poesias.

O carro estava estacionado na outra quadra. Percurso florido, mas já perigoso àquela hora. Pensando bem, ser uma pessoa introspectiva, sensível, artista e observadora tinha suas vantagens... O charme do ar misterioso, por exemplo, quase blasè. Mas charmoso pra quem? Pergunta simples, resposta idem: pra todos e pra ninguém, em se tratando respectivamente de olhar e possuir.

Sentiu uma pressão no braço esquerdo. A ela seguiu-se uma ordem: continua caminhando, moça, e nada vai te acontecer. Assalto? Seqüestro? Estupro? Um frio percorreu o corpo inteiro de Justine. Não quero lhe fazer mal, disse o homem cujo rosto a moça preferiu não observar. O que ele iria querer? Dinheiro? O carro? Poderia levar tudo, ponderou ela. Mas por favor não me machuque, foi sua mais sincera súplica não verbalizada. Emocionalmente já estava em frangalhos... Pois que poupasse o físico, pensava ela em seu pânico silencioso...

Continue caminhando, disse ele em tom natural. Agora entre no carro e dê a partida. Ele sentou-se no banco ao lado. Não tinha pinta de criminoso. Vamos até o centro, disse resoluto.

Era assalto, concluiu ela. Em vez de levar os mil reais que estariam disponíveis no caixa eletrônico, ele poderia levar seus medos. Mas por que ele iria querer somente o dinheiro disponível pra saque? Poderia ser mais ambicioso, ou mal-intencionado.

Não tem rádio no seu carro?, o rapaz quis saber. Justine continuou dirigindo, sem desviar os olhos. Não; levaram, respondeu. Não seria nada mal se tivessem levado suas inseguranças, pensou.

É o seguinte, prosseguiu ele. Nós vamos até a Borges. Você estaciona próximo às escadarias. É seqüestro, ela concluiu. Que seqüestre minhas frustrações!, bradou ela em seu íntimo, sem deixar o nervosismo transparecer. Quis perguntar sobre as intenções do rapaz, mas desistiu. Não porque achara mais sensato, mas porque já começava a se sentir paralisada.

À medida que se aproximavam do local estipulado, ia aumentando no rapaz a ansiedade. Gesticulando as mãos, olhando para os lados, ele prosseguiu em suas ordens. Agora presta atenção, falou. Não quero surpresas. Não quero sobressaltos. Você está sendo vigiada por todos os lados. Você vai estacionar o carro, pegar essa maleta e entregar pra um cara de terno e gravata que conversa ao celular na Duque. Ok? Ok, confirmou ela. E depois?, perguntou. Depois você faz o que ele pedir, e estará tudo bem.

Justine quis gritar. Quis fugir. Quis sair correndo. Onde estava metida? Tráfico? Lavagem de dinheiro? O que teria na mala? Dólares? Armas? Droga? Era só que faltava, pensou. Não bastassem todos os problemas, mais este agora! Tudo bem, confortou-se em silêncio. O que não te mata te deixa mais forte, pensou.

Pegou a mala e voou pelas escadarias. De soslaio, pôde observar a movimentação sobre o viaduto. Um homem de terno falava ao celular. Aproximou-se devagar, com respiração ofegante, quase sem sentir as pernas. Ele parou de conversar ao telefone, aproximou-se dela e deu dois beijos na face com naturalidade, como se fossem velhos conhecidos. Eu estou sonhando, pensava ela. Isso não pode ser verdade.

Alto e robusto, com um ar executivo, o homem pegou a mala e em tom amável agradeceu pela gentileza. Abrindo a porta da BMW prata estacionada junto ao meio fio, perguntou pra onde ela ia e se queria carona. Não, obrigada. Tudo que ela queria era ir embora. Ele a olhou seriamente, como a águia que contempla sua presa.

Você não entendeu, disse outro rapaz que se aproximou vindo do outro lado da rua. Ele quer que você entre! Pegou-a pelo braço e a conduziu até o carro. Quando se aproximou do veículo, percebeu que haviam outros dois rapazes lá dentro. Um sentado no banco traseiro e outro no do motorista. É estupro, violação, concluiu. Se não fisicamente, pelo menos na psique. Estava sendo obrigada a fazer algo que não queria. Que não devia! Aliás, como em boa parte de sua vida. Por muito tempo agiu conforme as expectativas e sonhos dos outros. Há poucos anos descobrira o sabor do livre arbítrio e, sinceramente, ainda não sabia lidar bem com ele.

O que aconteceria se ela reagisse? Se não entrasse no veículo? Apanharia? Seria violentada? Seria morta? Um turbilhão de pensamentos agitou sua cabeça, enquanto o carro deslizava pela cidade já imersa na escuridão da noite. Resolveu tentar relaxar, quieta no banco de trás, quase acreditando na promessa de que nada lhe aconteceria.

Nem se atreva, falou um dos rapazes, quando fez menção de atender ao celular que tocava. Deve ser minha mãe, argumentou. Combinamos de jantar hoje. É o aniversário dela! O silêncio que se seguiu foi intimidador e Justine preferiu desligar o celular. Desistiu também de ter medo. De se importar com o que poderia acontecer. Desistiu inclusive de ter esperanças. Viver pra quê?

O carro continuou circulando. Ela conhecia cada rua, cada reentrância da cidade. Conhecia a alma das calçadas, das esquinas. Suspirou profundamente. Ao lado de três desconhecidos, acabou por esquecer de si mesma. Eram quatro fantasmas, quatro espectros, absortos em suas expectativas, ou ausência delas. Cadê a moça cheia de vitalidade e energia?, perguntou pra si mesma. Cabeça recostada no banco, viu sua vida passar pela mente como um filme. Trágico ou cômico? Nem trágico, nem cômico, porque em ambos o enredo seria repleto de tempero. Sua vida estava mais pra documentário, avaliou.

Divagando em pensamentos, Justine já nem ouvia mais os rapazes. Nesse momento, constituía o retrato perfeito da não resistência. Já havia inclusive perdido a noção do tempo em que estava circulando pela cidade. Tá com fome?, perguntou um deles. Fome? Ah, não. Nem de comida, nem de nada. Houve um tempo em que tinha fome, sim. Tinha sede. Tinha gula pela vida. Queria experimentar, aventurar. Nem o oceano representou limite. Do alto de seus quase quarenta anos, agora já não tinha certeza se o ano que passou fora do país serviu pra fugir da realidade ou pra efetivamente encontrá-la. Tem certeza?, perguntou novamente o rapaz. A noite vai ser longa, advertiu. Justine não respondeu. Todas suas noites eram longas. Não existe noite breve pra quem tem a solidão por companhia, sabia? A solidão castiga, maltrata, mata, tal qual o veneno dos escorpiões.

Em um posto de combustível, o automóvel pára. Um dos rapazes salta e logo retorna com biscoitos e refrigerante. Representação perfeita de seus maiores fantasmas, esses executivos. Sóbrios, alinhados... E guardavam um segredo. O que eles não sabiam era que ela também tinha um segredo. Seu, apenas seu. Até já tentara compartilhar com algumas pessoas, mas nenhuma entendera. Será que um dia teria a satisfação de conhecer alguém mais interessado em compreender, do que em ser compreendido? Por isso desistira de falar. Junto aos outros seres humanos, por vezes, seu silêncio fazia mais eco que dezenas de bits e bytes de poesias viscerais ou tentativas de diálogo. Pra que se expor, afinal?

Impressão sua ou já tinham se passado horas? Olhou pro relógio... Já tinham se passado horas. Ao dobrarem a esquina, Justine foi avisada de que já não havia mais razão para acompanhá-los. O mesmo rapaz que falava ao celular na Duque agora lhe pedia desculpas pelo incômodo e perguntava onde preferia ficar. Hein? Deveras gentis aqueles bandidos. Ou será que não seriam bandidos? O que é ser bandido, afinal, neste mundo em que vivemos? E será que já se nasce bandido ou se torna bandido? Chega de filosofias, advertiu a si mesma. Melhor ir pra casa dormir. Não! Melhor ir para a casa da mãe, que deve estar preocupada. Antes, no entanto, era necessário dar uma passada no escritório e deixar um recado de que tiraria uma folga.

O dia já estava amanhecendo. Fico aqui mesmo, respondeu apática. Pegaria um táxi. O rapaz sentado ao lado, que até então permanecera quieto, achou melhor descer um pouco mais à frente, em algum local com mais movimento. A moça não entendeu nada. O bandido estava preocupado com sua segurança? E a polícia, que teoricamente ela conhecia tão bem depois de ter passado no concurso, estaria preocupada com o que? Em caso de socorro, a quem gritar?

O carro parou em outro posto de combustível. Exausta, com a mente turva e o corpo pesado, Justine pegou o primeiro táxi que apontou na Assis Brasil. Até chegar ao escritório teria que atravessar a cidade. Pela janela do carro, os prédios desfilavam aos seus olhos. Os primeiros raios de sol iam cobrindo o concreto de um dourado lindo. Aquele amanhecer parecia único. Pôs-se a observar o verde do parque, os passos ligeiros dos operários pelas calçadas. A cidade assim, acordando, parecia expandir sua alma.

Resolveu baixar o vidro pra sentir todo frescor da brisa daquele novo dia, em uma Porto Alegre coberta por folhas e flores. Por instantes, quis descer e caminhar com o pé descalçado, pisando na grama do primeiro parque que encontrasse. Era assim que fazia na fazenda. As lembranças do campo a fizeram ficar com vontade de andar a cavalo. E de pescar! E de caminhar no meio do mato! E de observar a plantação crescendo, com o som dos bichos ao longe.

É aqui?, perguntou o taxista. Justine havia se desplugado do mundo. Tinham chegado. É sim, respondeu ávida por pagar e sair. Quando desceu do carro, uma grata surpresa. Seu carro estava estacionado em frente. Mulher de sorte, pensou consigo, espichando-se demoradamente. O rapaz que na noite anterior lhe proporcionara um tremendo susto havia devolvido o carro, sem um único arranhão... Uma sensação de leveza tomou conta de Justine, que sorriu como há muito não fazia. Sim. Havia vida.

Entrou no prédio, cumprimentou o zelador com empolgação e subiu. Quando entrou no escritório, a primeira coisa que fez foi ligar pra mãe, que devia estar preocupadíssima. Já estou indo, avisou ela sem deixar que lhe fizesse qualquer pergunta. Alguns dias mais tarde ela lia no jornal que uma quadrilha de lavagem de dinheiro com atuação em Porto Alegre havia sido desbaratada, depois de usar diversas pessoas como 'laranjas' pra entrega de documentos falsos.

Mas naquele momento Justine não tinha todas as respostas e, sinceramente, isso não fazia a menor diferença. Desligou o telefone e se aproximou da janela gigante. O dia ia nascendo sobre o Guaíba. Tranquilo e sereno, como o ânimo de Justine. Era paz de espírito que ela sentia. Aquela paz de espírito que os fantasmas de uma noite sem sono não tiram.

Sandra Veroneze

Entrevista com...

Rafael Loureiro, escritor



Numa altura em que os vampiros são um tema actual na literatura, decidimos descobrir os pontos de vista de um autor nacional que se dedicou a este tema. O livro é “Memórias de um Vampiro”, e já foi comentado num dos números anteriores. Agora vamos conhecer o autor.

Carla Ribeiro: Os teus livros foram publicados primeiro em edição de

autor e depois deu-se o salto para a Presença. Qual é a sensação?

Rafael Loureiro: Antes de mais, para poderes entender um pouco melhor o que senti, deixa-me partilhar um pouco do que experienciei:

Comecei a escrever contos soltos acerca de DelMoona em 2000 e no final de 2004 tinha *Memórias de um Vampiro* acabado. Em 2005 começo a enviar cópias para dezenas de editoras. Mesmo sabendo que as tendências literárias do fantástico seriam para universos como *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis*, mantinha uma expectativa alta. Claro que fui recebendo as cópias do livro devolvidas com a mesma resposta: “*Agradecemos o envio da sua obra, mas temos a agenda editorial preenchida.*”

Obviamente fiquei tristíssimo, não tanto por não ser publicado, mas por me aperceber que a maior parte das editoras nem sequer respondeu, outras nem sequer leram o livro pois devolviam-mo ainda selado.

Depois de tantas impressões, cartas, envelopes e selos desisti por alguns meses de procurar editora. Tentei novamente passado um ano (2006). Entrei em contacto, desta vez por email, com as mesmas editoras e outras diferentes. Mais uma vez, a maior parte delas nem sequer respondeu ao email

(mentalmente agradei não ter passado novamente noites em claro a imprimir livro atrás de livro). Foi então que decidi, em 2007 investir numa edição de autor. Vi-me então com 200 exemplares em mãos. E agora? Percorri a cidade onde vivo – Amadora – em busca de livrarias, ou outras lojas, onde pudesse deixar o livro a vender à comissão. Muito envergonhado, pois quando tentamos vender um produto nosso as pessoas desconfiam, lá encontrei 3 lojas onde deixei o livro. Em Lisboa fiz o mesmo e deixei apenas numa loja. Os meus amigos iam dando a conhecer o livro de boca em boca e no espaço de um ano a 1.^a edição esgotou. Em 2008 fiz a 2.^a edição e arrisquei editar também o Tomo II – Ascensão de Arcana. Desta vez vi-me com 300 livros em casa. Tentei falar com algumas lojas no Porto, em Faro, Coimbra, Tomar, entre outras, mas deixei a ideia de lado pois os portes de envio elevariam bastante o preço dos livros. Desta forma tentei contactar com as grandes livrarias como a Fnac, Bertrand, etc... e para meu desespero, todas me disseram que só trabalhavam com distribuidoras ou editoras. Tentei então falar com várias distribuidoras que por sua vez me comunicaram que apenas trabalhavam com editoras, estas que por sua vez “*tinham a agenda editorial preenchida*”. Então como é que um novo autor entra neste ciclo fechado? Assim se passou o ano de 2008 e início de 2009, a vender os livros da mesma forma e também através da net, mais lentamente agora pois os espaços para venda eram poucos. Passei horas e horas em blogs, fóruns, etc. a publicitar os livros até que, este fenómeno acerca

do universo do vampiro chegou a Portugal! Voltei a enviar emails numa derradeira tentativa de publicação e foi quando em Abril, 15 minutos antes de sair de casa para ir dar aulas, recebi a resposta da Editorial Presença a pedir um exemplar do livro. Dias mais tarde responderam por email “... *e é com muito gosto que lhe comunico o nosso interesse em publicar a sua obra.*”

Qual é a sensação?!

Cheguei tarde às aulas pois li e reli dezenas de vezes o email, de boca aberta, incrédulo. Durante as aulas não disse nada a ninguém e depois de ter dado as aulas nesse dia, veio o estado de choque. Fui beber um café a uma esplanada sozinho e permaneci sem me mexer durante uma boa meia hora. Penso que só acreditei mesmo quando contei à primeira pessoa. É uma sensação de júbilo e plenitude, mas penso que mais que isso, senti-me orgulhoso de nunca ter desistido, de nunca ter guardado o livro numa gaveta.

C.R.: Vampiros... são um dos meus temas preferidos no fantástico. Porque escolheste os vampiros?

R.L.: Essa é um pergunta difícil e demasiado pessoal para explicar... Mas passo a tentar:

Desde novo, sempre gostei do universo do terror. Em filmes ou em histórias, adorava os Lobisomens, Vampiros, Fantasmas, Monstros, etc. Na juventude, ao descobrir a paixão pelo gótico e pelo ultra-romantismo descobri também muitos autores, filmes e artistas ligados a este género. Mas sempre que lia Anne Rice, Bram Stoker, Polidori, ou via filmes como *Nosferatu* de

Murnau, *The Lost Boys* de Joel Schumacher, *Vampiros* de John Carpenter, ou até mesmo o RPG *Vampire the Masquerade*, sempre pensei para mim mesmo “*Falta qualquer coisa em cada um deles.*”. No entanto foi com eles que me identifiquei. Talvez pela sua dualidade, pelo romantismo, pela farsa com que tinham de viver... de sobreviver.

Sem querer fui criando dentro de mim o Daimon (na altura, apenas DelMoona), um vampiro que bebe de todas estas influencias; um ser amaldiçoado que no entanto provêm de algo divino, um ser dividido constantemente em luta entre o bem e o mal, um ser que busca aquilo que perdeu – a alma, a *aníma*, o que o faz mover e no entanto que ama mais do que seria permitido, um ser que esconde as suas paixões e demónios no meio das pessoas, um ser que quer reger-se por um código de honra superior a ele. Pergunto-me agora: Se o Daimon fosse humano, não seríamos todos um pouco assim?

C.R.: Parece-me (pelo menos foi o que a leitura me passou) que os teus personagens têm um forte componente emocional. Algum motivo em concreto para isso?

R.L.: Em relação aos personagens, tenho antes de mais de agradecer a alguns amigos - Filipa, André, Zé, Joana, Cristina, Carlos, Francisco e António - uma vez em que me baseei neles para a criação de alguns dos personagens. Fui buscar-lhes os aspectos físicos e traços de personalidade mais fortes. Conhecendo-os tão bem, foi fácil saber como os personagens reagiriam face a qualquer

situação. Era como se tivessem vida própria.

Motivo concreto? Sinceramente não sei responder. Quis apenas dotá-los de paixões, de desejos, de medos e sofrimentos e tentei descrevê-los de maneira que o leitor os sentisse em si.

C.R.: Quais são os teus planos para o futuro, em termos literários?

R.L.: Para já, será editar o Tomo II e o Tomo III da trilogia Nocturnus. Não penso ainda a longo prazo pois estou a focar as minhas energias na revisão do Tomo III, mas... existe a ideia para um 4.º livro. Não queria desvendar muito porque ainda não sei se irei concretizar este projecto ou não, se assim for, posso adiantar que seria como um apêndice da trilogia, uma visão mais aprofundada das histórias dos personagens.

C.R.: A pergunta inevitável: quais são os teus autores e livros preferidos?

R.L.: Tantos e tão variados... Posso enumerar primeiro o livro que está sempre na minha mesinha de cabeceira: *Bushido – O Código do Samurai* de Daidoji Yuzan, um livro que recomendo a todos. Outros livros que adorei ler: *Eu sou a Lenda* de Richard Matheson, *A Saga do Rei Dragão* de Stephen Lawhead, *A Conspiração* e a *Fortaleza Digital* de Dan Brown, *Os Pilares da Terra* de Ken Follett, a saga *Harry Potter* da J.K. Rowling, claro, *Entrevista com o Vampiro* da Anne Rice e *Drácula* de Bram Stoker, na poesia releio regularmente os poemas de José Régio, Edgar Allan Poe, Soares de

Passos, Florbela Espanca, Fernando Pessoa, etc., etc.

C.R.: Em que te inspiras para escrever?

R.L.: Creio de seja inevitável para um escritor deixar algo de si nos personagens que cria, no meu caso Daimon DelMoona tem as minhas paixões, os meus demónios, os meus medos, o meu código... O Daimon é aquilo que diariamente todos tentamos esconder, por isso, a minha fonte de inspiração acaba por ser o meu dia-a-dia, as minhas batalhas diárias, os meus desgostos e vitórias. Depois é só convertê-las, claro, para a realidade de Nocturnus.

C.R.: Como vê o estado da literatura fantástica no nosso país?

R.L.: Penso que se concorda quando digo que o literatura fantástica não faz grande parte da nossa tradição como país. Somos mais um país de poetas e de fado (que tanto aprecio), mas estas influências que bebemos de fora, estão a fazer crescer o gosto dos leitores e a

despontar novos escritores nacionais para esta área. Parece-me que teremos – e já temos - uma geração de bons escritores da literatura deste género.

C.R.: Queres deixar alguma mensagem aos teus leitores e/ou a colegas escritores?

R.L.: Aos leitores, quero, com muita humildade, apenas agradecer o facto de terem ousado ler um novo autor. Num mercado em que se vive de grandes nomes, é difícil pegar num livro de um autor desconhecido. Obrigado a todos! Aos colegas escritores, especialmente àqueles que procuram editar o seu primeiro livro: Arrisquem, não deixem os originais nas gavetas e NÃO DESISTAM!!!!

Canto da Poesia

A Valsa das Rosas

Lembra quando dançávamos a luz do
 luar, meu amor?
E as rosas giravam, iluminadas, no
 jardim das petúnias.
Ali nossos corpos rodeavam, deslizando
 ao som dos violinos
Que alçava-nos a urbe da luz, nos
 iluminado de azul

Dançávamos ao som do Danúbio,
 seguido por outra valsa
E mais uma, assim se fazia, sem pensar
 na hora, mas que hora?
Se não existia, era só nós dois
 Dançando a luz da lua

Até nas noites frias, mas que frias?
 Se o calor nos aquecia
Em cada dança, ali se fazia
 Um passo de magia

E nos bailes de máscaras? Lembra?
Sempre um cavalheiro roubava-te dos
 meus braços
E mesmo distantes, nossos olhos
Estendiam-se na mesma vértice que nos
 unia

Éramos um do outro, meu amor
 Que adorável companhia
Tê-la ao meu lado, assim
 Todos os dias

Agora, uma púgil agonia
 Em meu peito se afia
Ao lembrar-me destes momentos
Oh! Que tristeza! Em meu coração se
 alergia

Desde que partiu
 Vivo esta tormenta
A dor me castiga, em infinita sentença

Porque meu amor, me deixaste?

Meu pensamento viaja, tentando
 encontrar
A substancia que esvaiu do teu corpo,
 ao postemar-se
Vejo teu sorriso em cada estrela, mas
 não consigo alcançar-te
Porque meu amor, me deixaste?

As vezes sou capaz de ver-te, dançando
 no véu da noite
Iluminada, me sorri, sorri, mas não diz
 nada
E ao alcançar-te em desespero,
 desapareces
Como nevoeiro, dispersando-se por
 inteiro

Oh! Espírito iluminado
Porque não me levas contigo?
 Quero ficar ao teu lado
Dançando eternamente no luar
 encantado

Hoje mais um dia, sonho acordado
E ao olhar as petúnias mortas no jardim
Lembro-me de como éramos felizes
Também hoje, mais uma vez, venho
 trocar as rosas de teu jazigo

E ao sentir tua lápide fria em meus pés
Mais uma lágrima surgiu em meu rosto
 sofrido
Digo-te, meu amor, como sempre digo
Hoje as petúnias estão mortas, mas as
rosas girarão, iluminadas pelo teu
 sorriso.

Sandro Kretus

Nunca te Esqueci

Olha para mim.
Eu sou o fantasma do templo que os
teus dedos profanaram
E o silêncio que divaga na memória
Da traição que tatuaste na renúncia do
meu sangue,
Da miragem que te espera.
Sou o espectro do degredo que
abandonaste na bruma,
A espuma das ondas mortas no meu
corpo
Onde flores e anjos cantaram sinfonias
ancestrais.

Aurora e luz,
Palavra e redenção,
Eu sou o tempo esquecido nas cinzas do
teu olhar,
A vingança adormecida
Nos jardins da catedral da tua infâmia,
Destroço de ausências desfalecidas
Ao compasso da ampulheta que
distende a tua voz.

Olha para mim.
Os séculos passaram sobre o meu manto
de imortal
E eu fiquei à tua espera
Com a mensagem do eterno sob a alma
E uma rosa morta à espera da redenção.

Por isso leva o grito dos meus lábios,
O cântico amordaçado no nó das cordas
vocais
Que a tua espada rasgou
E leva aos degraus do absurdo o tributo
da memória,
A rejeição consumada
Num olhar que nada sabe mas repete
Que nunca, nunca, nunca te esqueci.

Carla Ribeiro

Prisão de Vidro

Entrelaçam-se como dedos de gelo
envolvendo a pele fria,
No aço como na neve
Que prende as quimeras por dentro de
um véu desperto.
São sonhos de olhares fragmentados
para lá da loucura,
Miragens fitando o absurdo
Como sombras divagando nos focos
dentro das chamas
Iridescentes de um candelabro de
cristal.

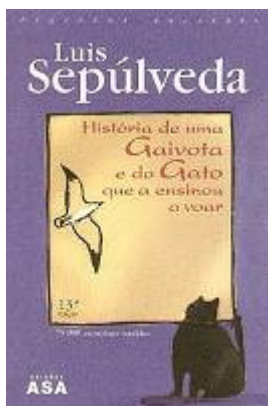
Ela não vê,
Não sente senão silêncios espalhados
sob a mordaza
Que lhe desponta na voz,
Reflexos que se entrecem no seu
cárcere espectral
Onde as paredes são vidros que sangram
a carne virgem
E esta princesa de impérios
desvanecidos,
A imperatriz que banha os lábios no
veludo do sangue derramado
Não sabe senão dos mortos dormentes
sobre o seu ventre
E do arco-íris que nunca deixou nascer.

Cravam-se na pele as lâminas do gelo,
Divagações de silêncio sob um rosto de
traços moribundos,
Desvanecidos pela erosão dos séculos
E o olhar da sentinela é um gemido
estrangulado,
Um nome multiplicado sobre o coração
das trevas,
Trova de auroras devoradas pela
persistência da noite
E ateadas como cinzas no rosto dos
vagabundos.

E ela chora,
Destronada senhora de fantasmas e de
esfinges,
Plantando mãos no vidro embaciado
Do féretro da sua luz.

Carla Ribeiro

Excertos da nossa vida



História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a Voar Luís Sepúlveda

- Tenho medo – grasnou Ditosa.

- Mas queres voar, não queres? – miou Zorbas.

Do campanário de São Miguel via-se toda a cidade. A chuva envolvia a torre da televisão e, no porto, as gruas pareciam animais em repouso.

- Olha, ali vê-se o bazar do Harry. Estão ali os nossos amigos – miou Zorbas.

- Tenho medo! Mamã! – grasnou Ditosa.

Zorbas saltou para o varandim que protegia o campanário. Lá em baixo os automóveis moviam-se como insectos de olhos brilhantes. O humano pegou na gaivota nas mãos.

- Não! Tenho medo! Zorbas! Zorbas! – grasnou ela dando bicadas na mão do humano.

- Espera! Deixa-a no varandim – miou Zorbas.

- Não estava a pensar atirá-la – disse o humano.

- Vais voar, Ditosa. Respira. Sente a chuva. É água. Na tua vida terás muitos motivos para ser feliz, um deles chama-se sol e chega sempre como recompensa depois da chuva. Sente a chuva. Abre as asas – miou Zorbas.

A gaivota estendeu as asas. Os projectores banhavam-na de luz e a chuva salpicava-lhe as penas de pérolas. O humano e o gato viram-na erguer a cabeça de olhos fechados.

- A chuva, a água. Gosto! – grasnou.

- Vais voar – miou Zorbas.

- Gosto de ti. És um gato muito bom – grasnou ela aproximando-se da beira do varandim.

- Vais voar. Todo o céu será teu – miou Zorbas.

- Nunca te esquecerei. Nem aos outros gatos – grasnou já com metade das patas de fora do varandim, porque, como diziam os versos de Atxaga, o seu pequeno coração era o dos equilibristas.

- Voa! – miou Zorbas estendendo uma pata e tocando-lhe ao de leve.

Ditosa desapareceu da sua vista, e o humano e o gato temeram o pior. Caíra como uma pedra. Com a respiração em suspenso assomaram as cabeças por cima do varandim, e viram-na então, batendo as asas, sobrevoando o parque de estacionamento, e depois seguiram-lhe o voo até às alturas, até mais para além de cata-vento de ouro que coroava a singular beleza de São Miguel.

Ditosa voava solitária na noite de Hamburgo. Afastava-se batendo as asas energeticamente até se elevar sobre as gruas do porto, sobre os mastros dos barcos, e depois regressava planando, rodando uma e outra vez em torno do campanário da igreja.

- Estou a voar! Zorbas! Sei voar! – grasnava ela, eufórica, lá da vastidão do céu cinzento.

O humano acariciou o lombo do gato.

- Bem, gato, conseguimos – disse ele suspirando.

Sim, à beira do vazio compreendeu o mais importante – miou Zorbas.

- Ah, sim? E o que é que ela compreendeu? – perguntou o humano.

- Que só voa quem se atreve a fazê-lo – miou Zorbas.

Espaço Online

goodreads® hi Carla ▾ inbox sign out

home my books find books friends explore ▾ groups find books by title or author or isbn

find books browse popular giveaways discussions ebooks recently reviewed

title, author, or ISBN Search

Fields to search: All Title Author Genre

genres

- Art
- Biography
- Chick-lit
- Childrens
- Classics
- Comics
- Contemporary
- Cookbooks
- Crime
- Fantasy
- Fiction
- Graphic novels
- Historical fiction
- History
- Manga
- Memoir
- Music
- Mystery
- Non-fiction
- Philosophy
- Poetry
- Psychology
- Religion
- Romance
- Science fiction
- Self help
- Spirituality
- Travel
- Young-adult

More popular shelves...

sponsored links

A great Christmas gift!
Adam Decker's mystery-thriller, *The Janitor* is on sale at Amazon.com for 32% off the list price. Treat the teen in your life to this one.

<http://goodreads.com>

Uma boa forma de conhecer novos livros, de manter organizados os dados da nossa biblioteca e também de conhecer e comparar gostos literários com outros utilizadores. O goodreads é uma excelente ferramenta para os apaixonados pela leitura, permitindo conhecer novos livros, manter um registo daqueles que temos, do que lemos e pretendemos ler.

Vale a pena explorar.

Carla Ribeiro

Doze Passas para a Meia-Noite

Ela Está Aqui

O seu coração continuava a bater em ritmo acelerado, inspirava e expirava descontroladamente tentando acalmar-se. O homem abraçou-a, ouvia o seu medo naqueles movimentos bruscos e nas lágrimas que teimavam em deslizar pela sua face.

- Já passou. - disse o homem passando a sua mão direita pelo cabelo enquanto a esquerda segurava as mãos dela junto ao peito - Já se foi embora.

Ela engoliu em seco e levantou-se devagar, como se o que tivesse acontecido lhe tivesse absorvido todas as forças.

- Tu não acreditas em mim...

O homem olhou para os lençóis desarrumados da cama onde estavam deitados quando tudo aconteceu, suspirou, não sabia o que dizer.

- Admite, Paulo! Tu não acreditas em mim!

- Eu não sei em que acreditar...

- Ela está aqui.

- Fátima...

- Ela está aqui!

A mulher deixou-se cair no chão do quarto chorando descontroladamente e repetindo "Ela está aqui", o homem levantou-se e foi abraçá-la.

- Ela já não está aqui. - afirmou Paulo - Ela já não está entre nós...

- Rita... - suspirou a mulher - Rita...

Paulo ajudou a mulher a levantar-se e ambos voltaram a deitar-se. Paulo voltou a adormecer, Fátima fechou os olhos de seguida. Alguns segundos depois voltou a abrir os olhos, um barulho no quarto nem a deixou voltar a cair no sono. Virou-se na cama à procura do barulho, pareciam passos, sabia que não estava sozinha....a porta fechou-se devagar.

- Rita... - A mulher levantou-se da cama e foi tentar abrir à porta - Rita, abre! ABRE! - gritou - O que queres? Volta, minha filha...volta.

Um novo barulho do lado oposto atraiu a atenção da mulher, o candeeiro na mesa de cabeceira do lado do marido movia-se, até que caiu ao chão e ouviu-se uma pequena explosão que acordou o marido. O tapete pegou fogo.

- O que se passa? - perguntou Paulo assustado - O que se passa, Fátima?

O homem foi para perto de Rita para a tentar proteger.

- A culpa é nossa, Paulo...a culpa é nossa...não a conseguimos salvar das chamas e agora...

- O que é isto? - questionou o homem, confuso - O que fizeste?

As chamas alastravam rapidamente pelo quarto.

- Ela fechou-nos aqui...para ardermos vivos...

Os gritos desesperados do casal continuavam, o fogo chegou perto de Paulo que foi consumido pelas chamas perante o olhar desesperado da mulher. Assim que o homem caiu o fogo desapareceu, o quarto voltou ao seu estado inicial como se nunca tivesse ardido nada, apenas Paulo estava no chão queimado, Fátima ajoelhou-se e tomou-lhe o pulso quase transformado em cinzas. Sem sinal algum. Fátima levantou-se e sorriu.

- Conseguimos, filha.

A luz do quarto começou a acender e a apagar perante o sorriso sádico da mulher.

Bruno Pereira

Espaço Fotografia



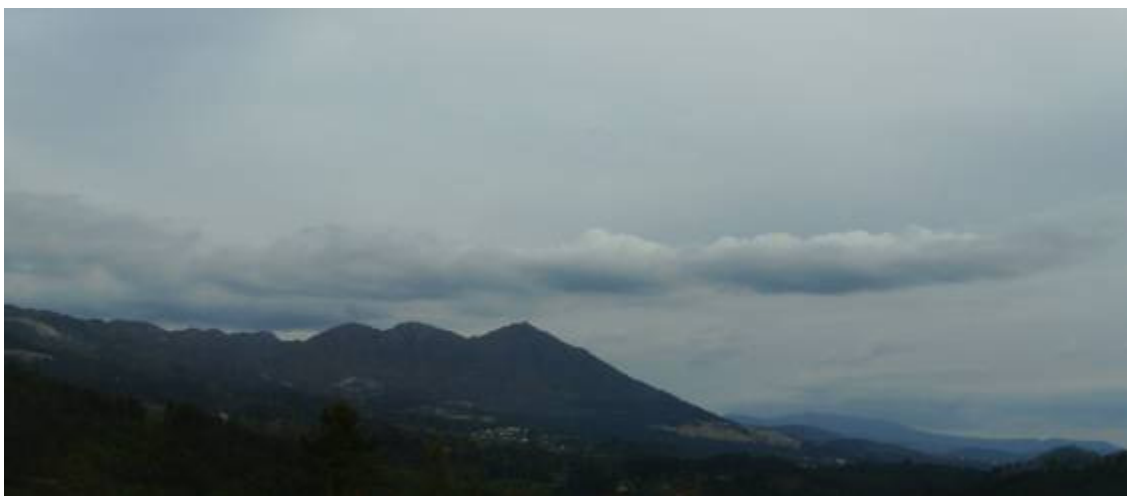
Carla Ribeiro

Clausura (VI)

*Aquela voz que se calou
Na mordaca perturbada de uma prisão invisível
Onde os corvos agitam a lenda do inalcançável
Era um telhado disperso sobre as marés do impossível,
Um cântico derramado no sangue do inexistente
E um abismo que se elevasse aos cumes dos ancestrais.*

*Era um deserto sem estrada,
Um nada que replicasse a sua própria concepção
E adormecesse nas trevas de uma aurora fugitiva
Ao crepúsculo dos véus inacabados,
Mas a terra destilava venenos inconcebíveis
Na barreira do inefável sepultado sem saber,
Como quem pinta a dourado a negrura dos abismos
Elevando catedrais na morte do próprio ser.*

Carla Ribeiro



Susana Carvalho Machado

Quinteto de Neve (I)

*Ela chorava sobre as pedras da renúncia,
Como um silêncio em cor de alvura e de ilusão,
E tinha olhos de gelo, como pingentes na manhã
Que nascia da penumbra de um céu velado de cinza.
Tinha olhos de sinfonia na mais negra aurora dos séculos,
De vinte e dois de Dezembro sobre a janela da neve,
Quando o templo proclamava orações na sua pele
E eras de renascimento para o Natal dos exilados.*

*Ela dormia nos braços de um espantalho embranquecido
Como quem chora nas trevas de os corvos partiram
E era neve sobre as arcadas da catedral solitária
Na convulsão do silêncio que era o lago sepultado
No silêncio desenhado sob as horas do seu corpo,
A alvura da eternidade cantando a uma só voz.*

Carla Ribeiro



Tiago Faria

Tick, tack.

A chuva cai.

O sol raia.

O frio aparece

Os prédios tombam

E a velha envelhece.

Tiago Faria

Do Livro para... Série

Vampire Diaries



"Love Sucks"

Numa altura em que os vampiros estão na moda com a loucura da saga "Twilight", hoje este espaço fala um pouco sobre a série "The vampire diaries". Esta série de TV é baseada nos livros de Lisa Jane Smith e é sobre uma rapariga chamada Elena Gilbert e dois irmãos vampiros Stefan e Damon Salvatore. A série estreou este ano e é dirigida por Marcos Siega.

Elena Gilbert (Nina Dobrev) recupera de uma tragédia, os seus pais foram mortos num acidente de viação, vive com o seu irmão Jeremy e a sua tia Jenna.

Era uma das raparigas populares da escola mas com o acidente tudo mudou. Tem como melhores amigas Bonnie e Caroline e o seu ex-namorado e amigo de infância Matt. A sua vida começara a mudar com a chegada de Stefan (Paul Wesley). Stefan parece um jovem de 18 anos...mas a sua idade ultrapassa os cem anos. Educado, elegante, acabará por cair nas boas graças Elena. Já Damon (Ian Somerhalder) é o oposto do irmão e se for preciso matar humanos não tem problema algum. Jeremy (Steven R. McQueen) é a grande dor de cabeça de Elena, consome drogas, bebe muito, tudo para tentar esquecer a tragédia que os abalou quatro meses antes. Dois vampiros, um do lado do bem e outro do lado do mal, interessados na mesma rapariga e com ideais completamente diferentes serão o ponto de partida para a série...

Bruno Pereira

Agenda Literária

Lançamento do livro Jardim de Palavras, de António Castel-Branco; First Gallery
(Lisboa), 12 de Dezembro pelas 16h00.

Apresentação do livro Marés de Poesia, de Paula Pinto; Biblioteca Municipal de Ílhavo,
12 de Dezembro pelas 18h00.

Lançamento do livro Vida na Internet, de Magda Luna Pais; Auditório do Campo
Grande (Lisboa), 12 de Dezembro pelas 19h00.

Apresentação do livro Ruas de Natal, de Pedro Guilherme Alves; Auditório da Escola
Secundária António Nobre (Porto), 17 de Dezembro pelas 21h00.

Comentário Final

Dezembro... Já se sente a chegada do Natal, dos festejos familiares e da aura de magia festiva que tudo ganha nesta época do ano. Também nós, por aqui, tentámos evocar um pouco o espírito da época. Se fomos ou não bem sucedidos... Isso cabe-vos a vós, leitores decidir.



No próximo número completaremos um ano de vida. E, em jeito de balanço antecipado, faço desde já a minha avaliação destes primeiros onze números. Muito correu bem. Outros aspectos nem tanto. Objectivos para 2010 e para o segundo ano de vida da Alterwords serão reformular os aspectos menos positivos do funcionamento da revista e reconstruir o projecto de uma forma mais eficaz... Isto para que tanto nós, autores deste projecto, como vós, leitores que fazeis da Alterwords um projecto que não pode cessar, fiquemos progressivamente mais satisfeitos com o nosso trabalho e com o crescimento do nosso projecto.

Estamos, como sempre, abertos às vossas sugestões e colaborações. Ficamos, pois, à espera da vossa reacção.

Até breve e um muito feliz Natal. Vemo-nos em 2010.

Carla Ribeiro

Ficha Técnica

Alterwords, n.º 11

Edição de Dezembro de 2009

Periodicidade: Mensal

Direcção: Bruno Pereira

Coordenação: Carla Ribeiro

Design: Carla Ribeiro

Fotografia: Carla Ribeiro, Susana Carvalho Machado, Tiago Faria

Capa e Ilustração: Carla Ribeiro

Autores Residentes: Ana Silva, Bruno Pereira, Carla Ribeiro,
Daniela Pereira, Liliana Duarte, Liliana Lopes, Miguel Pereira,
Nita Domingos, Susana Carvalho Machado e Susana Catalão
Colaboradores desta edição: Catarina Coelho, João Carlos Silva,
Sandra Veroneze, Sandro Kretus, Tatiana Albino, Tiago Faria

Website: www.freewebs.com/alterwords

Contactos:

alterwords@gmail.com

carianmoonlight@gmail.com (Carla Ribeiro)

redrum.666.damien@gmail.com (Bruno Pereira)